



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Jornal da

Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 24, nº 1 julho de 2021



O INFANTIL



O Infantil

É com grande satisfação que dedicamos este exemplar do Jornal da Brasileira ao infantil das crianças e ao infantil dos adultos.

Como nos lembra Virginia Ungar, tudo que se refere à criança, ao infantil e à infância possui igual ou mais valor que os temas relacionados aos adultos.

Ainda existe, em certa parcela da população, uma ideia de que a criança, dos 0 aos 3 anos, necessita, primordialmente, de alimentação, sono, higiene e proteção. Por outro lado, a psicanálise, há mais de cem anos, vem alertando que a saudável e profunda relação emocional com os pais é fundamental para a estruturação do psiquismo e, conseqüentemente, para a saúde como um todo. É tão imprescindível quanto o sono e o alimento.

Freud afirma que:

Temos bons motivos para acreditar que não há período em que a capacidade de receber e reproduzir impressões seja maior do que precisamente durante os anos da infância. [...] Essas impressões deixaram profundos traços em nossas mentes e tiveram um efeito determinante sobre a totalidade de nosso desenvolvimento subseqüente. (1905, p. 179)

Até o século XII, não havia um lugar importante para a criança na sociedade. Nos quadros de famosos pintores da antiguidade, as crianças eram retratadas sem roupa, ocupando um espaço desvalorizado no contexto da obra. Com o passar do tempo, os pais da classe média passaram a planejar qual o melhor momento para conceberem um filho, buscando, assim, garantir a ele um ambiente adequado e amoroso para seu crescimento. A criança passou a ter o *status* de "Sua majestade o bebê" (Freud, 1914), não só na família, mas também na sociedade.

O infantil e a infância têm conceitos diferentes na perspectiva da psicanálise. Infância diz respeito a um tempo cronológico, relacionado à idade. O infantil é o que permanece, ao longo da vida, na constituição do sujeito. O infantil contém as descobertas, o criativo, o simbolismo, a espontaneidade e o humor. Nele está impresso o não representável. É o que possibilita sonhar, inventar e suportar (ou não) as agruras da vida. Ou seja, graças ao nosso infantil estamos sobrevivendo nesses meses de pandemia, buscando vasculhar, no fundo da alma, elementos que nos auxiliem a dar continuidade aos nossos projetos e amparar quem está à nossa volta.

Contamos, neste número, com a participação valiosa de vários colegas da nossa Sociedade, com a conferência do psicanalista infantil Sérgio Nick, que gentilmente nos disponibilizou sua fala no encontro inaugural organizado pelo Instituto da SBPdePA, bem como com o depoimento da escritora e contadora de histórias infantojuvenis Maria Eunice Garrido Barbieri.

Desejo uma excelente leitura a todos, mas antes quero agradecer aos nossos parceiros na elaboração desta edição do jornal: Micaela Wünsch, Clarice da Luz Rodrigues, Susana M. Beck e Roberto O. de Vasconcelos.

Rosa Beatriz Santoro Squeff
Editora e Diretora de Comunicação

EXPEDIENTE

Editora:
Rosa Beatriz Santoro Squeff
Conselho Editorial:
Roberto Ossig de Vasconcelos
Susana Magalhães Beck
Assistente Editorial:
Clarice da Luz Rodrigues
Revisão de português:
Débora Jael Rodrigues
Diagramação:
Marcelo Teixeira
Capa:
Micaela Feijó Wünsch
Secretária:
Daniela Bonn

Produção gráfica e impressão:
Gráfica Noschang – Tramandaí/RS

Tiragem: 300 exemplares

DIRETORIA

Presidente:
Ane Marlise Port Rodrigues
Secretário:
Lopes Pedro Meller
Tesoureira:
Sílvia Stifelman Katz
Diretora Científica:
Christiane Vecchi da Paixão
Diretora de Comunicação:
Rosa Beatriz Santoro Squeff
Diretora de Relações com a Comunidade:
Caroline Milman
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):
Astrid E. Müller Ribeiro
Diretora de Divulgação:
Tamara Barcellos Jansen Ferreira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:
Sílvia Brandão Skowronsky
Secretária:
Lísia Coelho Leite
Coordenadora da Comissão de Seminários:
Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld
Coordenadora da Comissão de Formação:
Laura Ward da Rosa
Coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência:
César Augusto Antunes
Associação de Membros do Instituto:
Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

É com grande pesar que adentramos o ano de 2021 sem o controle sobre a pandemia. Ao contrário, iniciamos o mês de maio com 409 mil óbitos por COVID-19 no Brasil, sendo que, em 06/04/2021, tivemos a trágica marca de 4.165 mortes num só dia. Nossa solidariedade a todos os enlutados! Somos confrontados com uma tristeza cotidiana.

Nossa sede segue fechada ao público desde 14 de março de 2020. Quando imaginávamos que estaríamos retomando algo da vida habitual, observa-se um agravamento exponencial da pandemia, com novas cepas do vírus, escassez de vacinas, colapso e caos nos hospitais. A maior demonstração de resistência e bravura de cada brasileiro, nesse período, é manter-se vivo, desafiando não somente o vírus, mas também a falta de planejamento na compra das vacinas em 2020 e a contraproducente discussão saúde *versus* economia, politizando-se uma pandemia gravíssima.

Diz Ferenczi, em *Psicanálise e Política Social* (textos escritos entre 1919 e 1926): "A ciência deve abster-se de estar a serviço da política". Infelizmente, em tempos de polarização política em nosso país, vemos acontecer o contrário.

Pensar o infantil (como substantivo, não como adjetivo), é também resgatar nossas capacidades criativas e de manutenção da esperança em tempos sombrios. A capacidade de brincar, sozinho ou acompanhado, a curiosidade, a criação de fantasias e devaneios, o desejo do crescimento, fazem parte da vida habitual de crianças, adolescentes e adultos, se mantida e cultivada essa força vital que nos habita. São capacidades muito exigidas em tempos atravessados pela força da pulsão de morte. Ao não podermos "brincar" juntos, em presença, "inventamos" novas formas, nosso jogo agora é *on-line*. Para que essa maneira de "brincar" fosse possível, quantos cientistas e criativos deram livre curso à sua imaginação, inventando o que não existia antes.

Habita em cada um de nós o que fomos desde antes de nossa concepção e nascimento. Também o bebê nascido, a criança crescendo, o adolescente em seu processo de transformação e o adulto possível. Todos ao mesmo tempo e sempre, até o fim. Conseguimos acolhê-los a todos e alcançar alguma integração entre eles? É possível brincar com essa turma? O infantil estará em todos eles, tanto em sua dimensão de potencial criativo e de vida, que move a temporalidade para o futuro, quanto em sua



dimensão traumática, território da repetição de um passado que não passa.

A complexidade mais se expande ao avançarmos para a percepção e o pensar sobre a qualidade e a intensidade do encontro (ou choque) do infantil de um filho com o infantil de seus pais e dos que vieram antes deles. Laplanche falará das mensagens enigmáticas que vêm da sexualidade infantil dos pais para seus filhos. Em que medida operou a interdição do incesto, a castração simbólica e se consolidaram as saídas exogâmicas? Em que medida foi possível estruturar um narcisismo trófico para o eu, investido por seus objetos externos e internos? Como no jogo do carretel do neto de Freud, quando a criança podia brincar baseada na confiança de que o objeto que se ia (Fort) também voltaria (da). O não retorno do objeto coloca o eu em desamparo e diante das agonias primitivas (Winnicott) ou ao terror sem nome (Bion): ficar solto no espaço, não ter onde se segurar, nunca ser encontrado, não encontrar o chão, desintegrar-se. Nesta pandemia, também ficamos expostos a essas angústias.

Ver o infantil como matriz da vida de fantasia e criação, como fonte de processos que buscam sua simbolização, é também pensar na importância do outro, sua história e seus afetos para acolher essa potência de vida e permitir transformar/elaborar as dores traumáticas cujas marcas ficaram impressas no psiquismo inconsciente. Muitas nunca foram lembradas ou acessadas. Daí a importância do encontro analítico, nas novas salas de análise da atualidade, para seus possíveis desvelamentos.

Nesses difíceis tempos de pandemia e desgovernos, mantermos nossa conexão com o infantil, não esmorecer e seguir criando e "brincando",

mesmo na tristeza, é resistir à melancolia mortífera, é afirmar a potência, até mesmo política, do infantil, enquanto força de resistência e enfrentamento da dura realidade que nos tocou viver, com a pandemia fora de controle até o momento.

Internamente, avançamos no debate do *Projeto de acessibilidade de negros e negras à Formação Analítica na SBPdePA*. Após três reuniões gerais e discussão em assembleias, foi pauta para votação na Assembleia Geral Ordinária de 27 de abril de 2021. Nesse dia histórico, foi aprovado, por unanimidade dos presentes, o referido projeto. Também foi aprovado o parágrafo único que dá ao postulante indígena a mesma condição de acessibilidade à Formação Analítica na SBPdePA do postulante negro ou negra. Agradecemos à Força Tarefa, coordenada pela colega Eliane Nogueira, pela formulação e apresentação do projeto. A Força Tarefa dá lugar à Comissão Ubuntu, que seguirá estudando as formas de implantação do fundo financeiro para subsidiar as bolsas de formação.

Lamentamos profundamente as manifestações racistas e preconceituosas que atingem, mundo afora, o povo negro, o povo judeu e outras etnias. Repudiamos o racismo e o antissemitismo praticados dentro de concepções totalitárias e permeadas pela pulsão de morte, estando no oposto das práticas democráticas. Psicanálise e democracia se alinham no uso livre da palavra, no reconhecimento da força das palavras faladas ou escritas e no respeito ao singular e ao diverso. Nosso universal está no reconhecimento de que o inconsciente guardará as marcas da história singular de cada sujeito e de que os conflitos são tratados pela palavra.

Winnicott situa o trabalho analítico na sobreposição de duas áreas do brincar: a do

paciente e a do analista, num espaço de criação conjunta.

A Psicanálise nunca se propôs como uma panaceia para todos os tipos de sofrimento humano e nem como uma visão de mundo. Ao reconhecer seus limites e não oferecer soluções mágicas ou simplistas, a Psicanálise mostra-se mais fértil e é cada vez mais procurada por sua escuta singular/analítica em relação às manifestações do inconsciente e na compreensão da cultura atual.

Saudamos a todos os terapeutas e psicanalistas que adentraram os novos espaços potenciais criados pela pandemia, indo ao encontro dos pacientes de forma corajosa, empática, com curiosidade pelo novo *setting* que se colocava, num convite ao brincar juntos. Mesmo na dor comum a todos.

Saudamos também as colegas Tatiane Asnis, Liége Brito e Júlia Godoy, que ingressaram em nosso Instituto de Psicanálise nesse primeiro semestre de 2021. Sejam todos os colegas muito bem-vindos a mais um ano de trabalho e desafios!

Continuamos a aprimorar nossa área de mídias sociais, contratando a agência Monvie, que criou o novo logotipo, a fim de modernizar e tornar mais ágil nosso *site* e as outras mídias.

Nunca é demais agradecer aos queridos colegas de Diretoria e suas incansáveis Comissões, à Direção do Instituto de Psicanálise, aos Núcleos e Grupos de Estudos, aos nossos representantes junto à IPA, FEPAL e FEBRAPSI, à Associação de Membros do Instituto e a toda nossa brava membresia que apoia e dá sentido às propostas desta Diretoria. Também à Secretaria, nossos agradecimentos.

Ane Marlise Port Rodrigues

Presidente da SBPdePA – Gestão 2020-2021

Grupo de Estudos Colonialismo Racismo Desigualdade – Sankofa

O Grupo de Estudos sobre Colonialismo, Racismo e Desigualdade iniciado em setembro de 2020 percorreu seu primeiro ano de trabalho promovendo leituras, discussões e reflexões a partir das contribuições dos autores Neusa Santos Souza, Aimé Césaire, Grada Kilomba e Frantz Fanon.

Contou também com a presença de convidados que enriqueceram o estudo com seus textos autorais.

Nos dias 17 e 18 de setembro de 2021, comemorando um ano de trabalho, o grupo promoverá duas mesas redondas reunindo os convidados que participaram ao longo deste ano.

Artigos

Bola de meia, bola de gude e o infantil do psicanalista

Aline Santos e Silva

Membro do Instituto da SBPdePA e integrante do NIA.



Bola de meia, bola de gude é um clássico da MPB composto por Fernando Brant e Milton Nascimento. Foi lançada em 1980 na versão da banda 14 Bis e regravada um sem número de vezes (desde a belíssima versão do próprio Milton Nascimento, de 1989, até a atual do Mundo de Bitá, gravada especialmente para o público infantil). Enquanto eu pensava em temas para este texto, ouvi, ao acaso, a música.

Acredito que a arte sempre venha em auxílio à psicanálise e que, por meio dela, a psicanálise pode exprimir muitos de seus conceitos. Como psicanalista que se ocupa também do atendimento de crianças, a letra da música me auxilia a pensar sobre fenômenos interessantes desta clínica.

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão

A clínica psicanalítica da infância se apoia no contato com o infantil preexistente no analista. Portanto, nesta prática diária, quando o adulto balança, só quem pode dar a mão é a criança preexistente. Ao brincar no atendimento, mesmo que o psicanalista seja capaz de se manter observador do que está ocorrendo, há uma parte em cena que remete, diretamente, ao infantil. Desde Melanie Klein, sabemos que não há clínica da infância sem essa disponibilidade a brincar e jogar. E não há possibilidade de um verdadeiro encontro com a criança sem a presença do prazer

da descoberta pertinente ao mundo infantil.

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

Por que ser analista de crianças? Se a psicanálise já era considerada, desde Freud, como uma das “profissões impossíveis”, como exercer essa impossibilidade em uma etapa de desenvolvimento diferente, com analisandos que podem ou não ter acesso à palavra? O analista, utilizando a via regrediente, dispõe-se a contatar, por meio do brinquedo, com o psiquismo infantil em seu estado bruto e em construção. Entrar em contato com esse primitivo pode ser uma bruxa assustadora e, dando mão ao seu infantil, o psicanalista compreende, mistura e separa o passado do presente. Em movimentos transferenciais-contratransferenciais pungentes, o que se manifesta no campo pode ser impactante para a dupla analítica.

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão

O próprio título da música *Bola de meia, bola de gude* remete, num primeiro olhar, a duas brincadeiras clássicas. Mas também podemos pensar na maciez da bola de meia *versus* a dureza da bola de gude. Dessas dualidades, é feita a infância; daquilo que é leveza e do peso.

Também o atendimento infantil: é brincar, digerir seu simbolismo e auxiliar a criança a entender de si e do mundo que a cerca. E se, nesse processo (como em qualquer outro processo psicanalítico), a tristeza a alcançar, já sabemos: o infantil está lá e indica respostas e saídas.

Por fim:

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Trabalhar com crianças é manter dentro de si a esperança: acreditar na plasticidade psíquica, no encontro como potencialidade de mudanças e na temporalidade como aspecto presente ao desenvolvimento psíquico. Palavras como amizade, respeito, caráter, bondade, alegria e amor estão em construção. A cada encontro, a cada criança, essas palavras – e tantas outras – adquirem tonalidades diferentes, preenchem-se de afetos díspares, manifestam muitos “dizeres”. Aceitar essas idiosincrasias faz parte da prática diária do psicanalista de crianças. E não aceitar sossegado que qualquer “sacanagem” seja coisa normal. Bem, talvez esse seja o maior ensinamento da infância: às vezes, os moleques internos sabem muito bem o que fazer.

A aula do apego

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor, autor de *O terapeuta e o lobo (Artmed)*, entre outros. Membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.



Para Anne Brun, que ama o cinema.

Professor Polvo (Octopus Teacher, direção de Pippa Erlich e James Reed), documentário produzido pela Netflix em 2020, abre-se para uma leitura que evoca os começos de uma vida. Tomado pela depressão que o paralisa como pai e cineasta, o protagonista, Craig Foster, retorna à sua praia de infância.

Praia no sentido literal, com o retorno ao bangalô da família situado na província do Cabo, na África do Sul, beira do Oceano Atlântico, em uma área de tormentas ameaçadoras. Pronto: a metáfora está lançada. Para começar, Craig precisará recomeçar e, para recomeçar, precisará mergulhar, metaforicamente, no (re)começo e, literalmente, nas águas. E o que pode ser mais ameaçador e tormentoso do que os começos de uma vida borrifada de mortíferos fantasmas do não dito?

Há, ali, uma floresta de algas rasas, seguida de um mar profundo para onde o protagonista se lança em mergulhos sem tubos de oxigênio, sustentado pelo seu próprio fôlego. É quando ele encontra, escondido sob uma caverna protegida por algas e pedras, um polvo. Para ele, um polvo fêmea. A partir daí, as cenas são ainda mais marcantes. Craig passa a visitar e a observar o molusco diariamente. No presente, estabelecem uma relação paulatina de confiança a ponto de o bicho deixar-se acariciar pelo homem, a quem também acaricia com suas ventosas. Elas

envolvem carinhosamente o braço humano e depois o largam. E depois retornam e assim por diante. Aqui vale mencionar a pungente trilha sonora de Kevin Smuts prestando ótimos serviços à nossa metáfora da construção de um vínculo, inimaginável sem o poder da prosódia auditiva ou labial.

Nessa metáfora de um livre espectador, assistimos a uma (re) construção do apego seguro de um ser humano com um molusco, figura arcaica, mas nem por isso desprovida de anseio por uma confiança básica. Arcaicos, afinal, são os começos de um ser humano. Aí é que está: tal confiança, os laços em torno dela, os afetos por dentro são, mesmo, conteúdos arcaicos no desenvolvimento de um bebê, lá onde éramos partes, tentáculos em busca de uma integração e onde e quando habitávamos – paradoxo – um momento decisivo e complexo de nossas vidas. A figura do polvo, um invertebrado aparentemente primitivo, mas ao mesmo tempo capaz de movimentos complexos como uma camuflagem para defender-se dos perigos, é exemplar. E, agora, fica difícil guardar alguma dúvida sobre a importância dos começos.

As visitas de Craig e a interação com o polvo fêmea são diárias, permanentes. E fica fácil guardar uma evocação da mãe com o seu bebê. Torcemos por Craig e, sobretudo, pelo polvo fêmea, sujeito a ataques de tubarões e a outras mazelas naturais de um ecossistema, nem por isso desprovido de amores. Fora das

águas, torcemos pelas mães e seus bebês. Nas águas, lá pelas tantas, por mais que se protegesse de um ataque, um dos tentáculos do polvo fêmea é amputado por um tubarão faminto e persistente. Sofremos com o seu ferimento, tememos pelo seu futuro, entristecemos pela incerteza dele, depois vibramos com a recuperação. E, mais adiante, com a regeneração desse tentáculo, dando-lhe o direito de viver naturalmente até o final do único ano de sua vida curta de polvo, não sem antes buscar outro polvo para procriar.

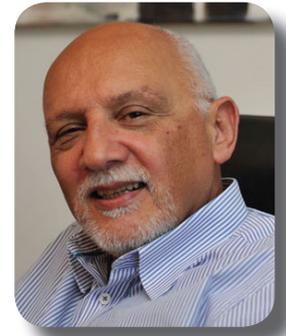
Vida curta como uma infância, mas suficiente para regenerar a infância de um humano que, embora também curta, pode ter sido capaz de promover estragos nos anos seguintes e mais longos. Sofremos, de certa forma, com a sua morte, mas compartilhamos o alívio paradoxal de Craig com a perda de seu objeto amoroso. Para ele, explicitado em sua fala, o final de uma obsessão. Para nós, implícita em nossas analogias, a possibilidade de fazer o luto dos primeiros anos, especialmente quando foram (re)borrifados de laços afetivos e estruturantes.

Craig já pode relançar-se ao trabalho, que é o filme, e reaproximar-se de Tom, que é o filho. E, se ao contrário de um arcaico polvo, nós, humanos, não podemos regenerar nenhum de nossos membros, guardamos, como Craig, a capacidade permanente de regenerar o nosso apego, tantas vezes machucado pela frieza dos começos. E, calorosamente, recomeçar.

Poder e onipotência infantil

Gley P. Costa

Membro fundador, titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Professor da Fundação Universitária Mário Martins. Autor de livros de psicanálise.



Uma mãe dedicada, que idealiza e concede integral atenção ao seu bebê, gera nele uma sensação de onipotência que atenua os sentimentos de fragilidade e dependência que caracterizam os primeiros anos de vida. Não obstante, ao longo do desenvolvimento, esse anseio de apoderamento, no início mediante a educação dos pais e, depois, por imposição da sociedade, passa por um processo de contenção e sublimação, alicerçando, por esse meio, as valorizadas capacidades construtivas do ser humano. Contudo, características pessoais inatas e gratificações ou frustrações excessivas na infância podem exacerbar essa necessidade de poder, o mesmo ocorrendo com identificações precoces com figuras possuidoras de uma força superior, real ou imaginária, contribuindo para a formação de uma mente megalomaniaca, a qual não reconhecerá limites para impor seus ideais de autoritarismo e grandeza.

Esses indivíduos comportam-se, como dizia Freud, segundo o modelo de *"His Majesty the baby"*, convictos de que tudo podem fazer e dizer e, quando contestados, reagem com desmedida agressividade. Além disso, não reconhecem seus equívocos e, quando fracassam em suas metas de poder, sem nenhum constrangimento, elegem outras aparentemente mais promissoras. Por conta disso, são desrespeitosos e apresentam um comportamento errático. Nada lhes é mais renhido do que

destruir tudo que não lhe pertença, mas que possa ser admirado e valorizado. É conhecida a história de Astore Manfredi, príncipe de Faenza, jogado no rio Tibre com uma pedra amarrada no pescoço por César Bórgia porque cativava seus súditos com sua beleza e sua generosidade. A cultura, a arte e a beleza, quando ofuscam o seu brilho, tornam-se alvo de maledicência e tirania. Eles buscam inarredavelmente sua própria glória em nome da qual se tornam egoístas, rancorosos e vingativos. Na mesma linha, mostram-se indiferentes aos sentimentos de piedade, compaixão e altruísmo, assim como os de remorso ou arrependimento.

A incapacidade de se frustrar e a necessidade de chamar a atenção permanentemente fazem com que a bajulação represente o principal aporte que esperam, e até mesmo exigem dos que os cercam, os quais são equiparados a uma mãe que alimenta permanentemente o narcisismo do seu bebê. No entanto, quando ocorre de, por alguma razão, também chamarem a atenção ou receberem algum elogio, são imediatamente afastados sem qualquer consideração ou o mínimo reconhecimento. Relatam Robert Greene e Joost Elffers¹ que, quando o ministro das finanças da França, Nicolas Fouquet, organizou a maior festa já vista em Paris para bajular Luís XIV, achou que tinha conseguido a

simpatia do rei. Contudo, foi preso no dia seguinte e condenado ao ostracismo pelo resto da vida. Referem os autores que Fouquet, sem saber, havia violado uma das mais importantes leis do poder: "Não ofusque o brilho do mestre". No caso, a festa tinha sido tão esplendorosa que fez o ministro aparecer tanto ou mais do que o próprio Luís XIV, o que foi intolerável para o orgulhoso Rei Sol.

Quando governantes, a política que estabelecem é a do "nós" e "eles", sendo que "eles" são maldosos, não valem nada e devem ser eliminados. Para atingirem esse objetivo, não hesitam em mentir, pois seu compromisso com a palavra inexistente. Seguindo essa pauta, Hitler inventou que os judeus estariam por trás de uma conspiração que usaria soldados negros – vindos das colônias francesas para combater na Primeira Guerra Mundial – para violentar mulheres arianas e, dessa forma, acabar com a "raça pura". O mito do "estuprador negro" teve uma grande repercussão nos Estados Unidos, onde foi compartilhado pela Ku Klux Klan e gerou a prática, que durou décadas, do linchamento de homens negros para defender a pureza das mulheres brancas americanas, como destaca Jason Stanley, professor de filosofia em universidades como Yale, Oxford, Michigan e Cornell no livro *Como funciona o fascismo*².

¹ *As 48 leis do poder*, Rocco, 1998.

² L&PM, 2018.

Tanto para aparecerem quanto para atacarem os inimigos do povo, como chamam aqueles que os criticam, como se povo e eles fossem uma única coisa, líderes com essa personalidade apropriam-se dos símbolos nacionais e, na medida do possível, dos meios de comunicação de massa para reunirem o maior número possível de adeptos de uma verdadeira seita que visa resgatar valores morais supostamente degradados. Entre esses valores, encontram-se, geralmente, o ideal da família patriarcal tradicional e o combate ao feminismo, ao homossexualismo e à liberdade de gênero, conforme destaca Jason Stanley, na citada obra. Eles também manipulam a história em seu favor, escondendo ou distorcendo os fatos que não lhes convêm e exacerbando aqueles que servem para denegrir os adversários. O historiador britânico Richard Gruberger escreveu³ que os nazistas incutiram na mente coletiva que democracia e corrupção eram sinônimos, justificando o estabelecimento do regime de Weimar, falsamente constituído exclusivamente por pessoas austeras e de elevada probidade moral. Na mesma linha de tiro, eles colocam os meios

independentes de comunicação, acusados de se encontrarem mancomunados com grupos ou potências contrárias aos interesses nacionais.

No filme *O ovo da serpente* (1977), Bergman reconstruiu meticulosamente a Alemanha dos anos que antecederam à ascensão de Hitler para tecer uma profunda reflexão sobre as origens do nazismo. O título do filme tornou-se uma expressão utilizada para figurar tudo que, ao nascer, pode se tornar perigoso à coletividade. O ovo da serpente costuma entrar em cena quando uma nação passa por um período de recessão econômica, inflação, corrupção ou alguma forma de instabilidade política e surge um personagem sedento de poder que se apresenta como “salvador da pátria”. Para tanto, ele ilude uma parte da população afirmando ser capaz de tirar rápida e definitivamente o país de sua dificuldade mediante, segundo Hannah Arendt⁴, uma doutrinação propaganda totalitária que visa isolar as massas do mundo real e oferecer um mundo maravilhoso completamente imaginário. Personagens desse tipo, muitas vezes dotados de limitada capacidade intelectual, portanto, mais suscetíveis a

aceitarem o desempenho desse papel, encontram sua força na polarização, cujas raízes se nutrem da pulsão de morte, a qual, como sabemos, em oposição a Eros, busca a desunião e a destruição de tudo de bom que a humanidade foi capaz de criar.

Um aspecto que torna essa situação mais complexa e ameaçadora é o fascínio que tal conduta desperta em grande número de pessoas que triunfam com o sucesso desses seres humanos sequiosos de poder e lhes concedem apoio incondicional, geralmente devido a duas razões: porque encontram alguém que dá voz à sua própria onipotência, em particular seus impulsos destrutivos, ou porque encontram alguém que podem usar para seus interesses de ocasião. Timothy Snyder⁵, reconhecido professor de História de Yale, com premiados livros publicados em mais de trinta idiomas, destaca que, quando pessoas começam a usar uniformes (vestirem-se iguais), desfilar com tochas e retratos do líder, “o fim está próximo”. No entanto, quando esse grupo consegue se unir aos militares, “o fim chegou”. Precisamos pensar no velho adágio que diz que a história se repete.

³ *The 12-Reich: A social history of nazi germany*, Da Capo Press, 1995.

⁴ *Origens do totalitarismo*, Companhia das Letras, 1989.

⁵ *Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*, Companhia das Letras, 2018.

O infantil no analista

Heloisa Zimmermann

Membro do Instituto da SBPdePA.



Lá em março de 2020, pandemia, os analistas de adultos rapidamente se mudaram dos seus consultórios tradicionais para o mundo *on-line*. A maioria

dos pacientes se adaptou bem e a vida seguiu o seu rumo, com ou sem vídeo, com ou sem sala de espera, mas de forma relativamente parecida.

Contudo, quem trabalha com crianças foi tomado por uma angústia extra em função do modo como o trabalho acontece com as crianças nos consultórios. Naquele primeiro momento, parecia impossível seguir o atendimento sem o material real e concreto essencial para a comunicação entre crianças e analistas. Como poderíamos usar tinta, argila ou jogos de tabuleiro através do computador? Como brincaríamos de casinha sem casinha e sem bonecos? Como jogaríamos futebol *on-line*? E tanto analistas como pacientes ficaram perplexos sem a possibilidade de seguirem os tratamentos.

Porém, à medida que o coronavírus avançava, o medo e o isolamento não resolveram quaisquer problemas. Antes, pelo contrário, os pacientes e suas famílias se viram precisando de ainda mais ajuda. E, em contrapartida, os analistas lidavam com as próprias vivências de abandono e sentimentos de culpa por não estarem atendendo às crianças. Assim, ainda atordoados pelo cenário inicial, vários de nós foram impelidos a entrar neste mundo esquisito que é, em parte, já bem conhecido, mas também misterioso; em que as ações são ao vivo, mas não presenciais; em que os jogos não são concretos, mas são de verdade; em que o trabalho é *on-line*, mas não é virtual.

Conviver com jovens é estar constantemente exposto ao novo e a surpreender-se. As crianças e os adolescentes nos apresentam modernidades com

orgulho ao sentirem o interesse e o respeito dos seus terapeutas. Frequentemente, também trazem um ar de superioridade pela certeza de serem mais capazes do que os adultos nessas áreas. Desta forma, várias das alternativas para o seguimento do tratamento vieram dos próprios pacientes. Trouxeram com ânimo e confiança a sua bagagem do mundo virtual e se mostraram indulgentes ao introduzir tais enigmas para os analistas. Ainda que tais sentimentos tenham vindo disfarçados de ironia e com alguma bravata.

E assim se deu a nossa entrada nos *sites*, aplicativos, jogos, filmes e tantas outras alternativas que nem imaginávamos usar como recursos para manter a comunicação necessária em atendimentos tão peculiares como os da infância e da adolescência. Antes avessos ao uso de eletrônicos durante as sessões, fomos de mãos dadas sendo conduzidos pelas telas compartilhadas para enfrentar os desafios dos jogos mais diversos e as emoções dos *animés*, filmes e séries. Praticamente sem memória e sem desejo, percebemos que várias falas e emoções eram suscitadas em momentos ou por gatilhos nunca antes imaginados e, provavelmente, não acessíveis com o arsenal do consultório.

Na sequência, constatamos com certo assombro que estávamos gostando muito da experiência. Percebemos que o nosso meio de trabalho, apesar de completamente diferente, seguia o mesmo: aventuras no mundo de fantasia, uso da criatividade, comunicação de inconsciente para inconsciente, associação livre e atenção flutuante, *rêverie* etc. Só que agora, em vez de

bem instalados e à vontade no nosso território, no conforto do *setting* tradicional e no *holding* do enquadramento, precisamos nos adaptar a frequentar as casas dos pacientes e a lidar com todos os imprevistos e atos espontâneos da vida doméstica que não apareciam no consultório. Conhecemos seus quartos, salas, cozinhas, obras, vistas, parentes, acompanhantes, animais de estimação, entre outras singularidades.

Na busca da compreensão dessa capacidade de adaptação ou resiliência, a melhor explicação é de que ela se deva ao infantil que mora dentro de nós. A oportunidade de usar meios diferentes e seguir ajudando os pacientes mais jovens, sem dúvida, foi um dos pontos altos deste ano tão difícil. Além dos supracitados, também achamos os tradicionais *stop*, forca, sócias do Playmobil, *sites* de pintura, de desenhos, entre tantos outros. Tal empolgação nos leva ao raciocínio de que, para os adultos, as questões relativas à infância são atemporais e a análise de crianças é um belo convite ao analista de visita à sua própria infância. (Agora com a fantasia de algum controle.)

Conclui-se, então, que apesar do ano trágico que tivemos, o infantil que nos habita conseguiu ter muito prazer em conhecer técnicas e habilidades novas, em brincar de coisas diferentes e das mesmas brincadeiras antigas em um ambiente diferente. E o mundo da imaginação e da criatividade foi que nos salvou para que pudéssemos seguir brincando, trabalhando e mantendo, na medida do possível, a nossa saúde mental.

O infantil do analista em formação

Luciana Zamboni Busetti

Membro do Instituto da SBPdePA e secretária da AMI.¹



O infantil acompanha tanto a nossa vida, do nascimento à morte, quanto a obra de Freud, do início ao fim. Esse tema será discutido ao longo do ano, na complexidade de suas várias dimensões, culminando com o Congresso Internacional da IPA. Nosso vértice é o infantil do analista em formação.

Florence Guignard (1995) enfatiza uma importante mudança em dois aspectos essenciais do trabalho psicanalítico: do analista para a relação analítica e da criança para o infantil, sendo o infantil a estrutura básica da nossa natureza animal, depositário e continente dos impulsos libidinais e agressivos, que perpassa o desenvolvimento da bissexualidade até a organização edípica. Nos limites dos sistemas inconsciente e pré-consciente, o infantil carrega nossos afetos, sendo o lugar da esperança e da crueldade, por toda a nossa vida, de acordo com uma dupla espiral de processos e significados. O infantil, na relação analítica, é atuado na transferência pela qual o analista pode manifestar pontos cegos que alteram o ritmo da comunicação da dupla em direção ao trabalho de simbolização e tradução das emoções brutas (o infantil).

Existiria diferença entre a infância e o infantil? A infância se refere a uma fase cronológica inicial do nosso desenvolvimento, e

o infantil é atemporal. Ao falarmos da infância, lembramos fatos. E, quando não temos palavras e atuamos para expressar emoções que foram recalçadas, evocamos o infantil por meio de seus derivados que retornam via sonhos, atos falhos e sintomas. O infantil evoca o irrepresentável, mas impõe trabalho de ligação quando, por meio da compulsão à repetição, se temporaliza e se presentifica nas relações transferenciais e nas reações contratransferenciais.

A capacidade de *rêverie* do analista fica comprometida quando, na relação transferencial, repetem-se as falhas/faltas que ambos, analista e paciente, viveram inicialmente com o seu objeto primário.

A formação psicanalítica proporciona grande espaço de continência para várias dimensões do infantil do analista. Ali, ele tem espaço de circulação na análise pessoal, supervisão e nas relações com a instituição psicanalítica. Dessa forma, o analista desenvolve maior habilidade para proporcionar que seu paciente possa reeditar seu infantil na transferência, uma vez que estará aberto a perceber os pontos cegos que interferem na sua escuta clínica.

A escuta psicanalítica perpassa pelo infantil da dupla analítica e por cada um que está envolvido nessa relação: analista,

supervisor e instituição. A escuta que treinamos é a do inconsciente, que independe da idade do nosso paciente e da nossa. Nosso infantil se esparrama e pede colo para nosso analista e supervisor. Nosso infantil deseja ser aceito, se espelhar e ter o colo da instituição psicanalítica. Nosso infantil deseja permanecer a *Majestade Bebê* para satisfazer sua necessidade de onipotência e onipresença. Mas é também no encontro com esses outros infantis que nos deparamos com o nosso desamparo, com a nossa dependência dos objetos. Segundo Clara Nemas (2021), desse estado de desamparo, emerge a capacidade de fantasiar, imaginar, criar, ter esperança e sonhar, associada à necessidade de sermos onipotentes – “em busca do infantil”.

O amparo obtido desses “outros”, que encontramos e necessitamos ao longo da formação, permitirá o ir e vir entre as pulsões de vida e de morte, integrando as diversas instâncias psíquicas necessárias à simbolização das emoções derivadas do nosso infantil e do outro. À medida que temos espaços para compartilhar nossos medos, angústias e emoções, podemos resignificar o nosso infantil e criar uma escuta mais atenta ao infantil do nosso paciente, também necessitado de um espaço diferente para novas vivências e interpretações.

¹ Diretoria da AMI: Presidente: Thércio Andreatta Brasil, Vice-presidente: Carmem Prado Nogueira, Tesoureira: Camila Reinert, Secretária: Luciana Zamboni Busetti.

Como analistas em formação, ao mesmo tempo que entramos em contato com o nosso infantil, aprendemos a trabalhar com o infantil do outro, criando espaço psíquico para que o pulsional emergja do e no encontro analítico. Escutamos o infantil e, com o auxílio da transferência e contra-

transferência, interpretamos as emoções brutas/não-simbolizadas vindas do paciente carecendo de um sentido, de uma figurabilidade representativa de afetos e palavras. Quanto mais acessos a todos esses infantis, mais criativos nos tornamos enquanto pessoas e psicanalistas.

Referências

Guignard, F. (1995). The infantile in the analytic relationship. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76, 1083-1093.

Nemas, C. (14 de fevereiro de 2021). The infantile in our times [Webinar]. IPA. https://www.ipa.world/en/en/IPA1/Webinars/Infantile_in_our_times.aspx

Pequena reflexão sobre a literatura e o universo infantil e juvenil no Brasil

Maria Eunice (Marô) G. Barbieri

Professora/escritora



A literatura dita infantil é uma criação relativamente nova. A própria designação não tem significado correto. Um texto oferecido ao público infantil não pode ser ele mesmo “infantil”. Quando se fala em literatura, fala-se na arte de construir mundos ficcionais com palavras. Essa engenharia cuidadosa, calcada na função poética da linguagem, essa construção textual pensada e trabalhada exaustivamente não é privilégio de uma literatura para adultos. O compromisso de quem escreve para jovens é produzir sempre o melhor texto, independentemente da faixa etária à qual ele se destine. Qualquer obra verdadeiramente literária deve encantar qualquer leitor.

O que ocorre nos textos direcionados aos jovens leitores é um cuidado especial para com as competências de leitura do receptor. Historicamente falando, até os anos 50 do século passado, eram muito poucos os textos escritos para crianças e jovens.

Fora Monteiro Lobato e toda sua obra, inestimável pela

fabulação intensa, pela construção de um panorama da sociedade brasileira da época e por conferir às crianças o direito a um texto de fácil compreensão, não encontramos outros autores com essas preocupações. Embora com temáticas nitidamente didáticas, as personagens e os enredos de Lobato tinham (a ainda têm) um encanto enorme para o público infantil e para leitores de qualquer idade.

Lobato queria informar e formar os leitores. Sua intenção maior – compreende-se hoje em dia – era fornecer ao jovem um amplo panorama das ciências e das artes, mas de modo simples e lúdico. E não sem desvelar – no decorrer das narrativas e na construção das personagens – o mundo político/social de sua época.

O que se tinha no Brasil, no final do século XIX e no início do século XX, eram narrativas maravilhosas vindas do universo folclórico europeu, traduzidas e/ou adaptadas. As narrativas maravilhosas e os chamados contos de fada (ou contos do destino),

oriundos do folclore popular francês (Perrault), alemão (Irmãos Grimm) e dinamarquês (Hans C. Andersen) povoavam livrarias e faziam parte do acervo das famílias burguesas. Era o que se chamava na época de “livros para crianças”, cujas temáticas – na maior parte das vezes – tratavam de moralizar o pequeno leitor e de ensinar-lhe comportamentos sociais adequados. Com frequência, a relação ação indevida/punição é o mote dessas narrativas.

No entanto, os textos das narrativas maravilhosas e dos contos de fada são bem mais do que isso: são riquíssimo material folclórico oriundo de séculos e séculos de vida da humanidade com suas expectativas, seus medos, suas superações. E material precioso para a investigação da psiquê humana em todos os tempos.

A meu ver, o incremento mais expressivo na literatura para jovens no Brasil se deu na década de 70 quando, em plena ditadura, alguns autores resolveram escrever textos destinados ao público infantil, dando conta

dos acontecimentos sombrios dessa época, mas com roupagem diferente para escapar da censura. Essas obras provocavam, criticavam, chocavam-se com o que a atmosfera política dominante defendia, mas com o cuidado de serem apresentadas como histórias para crianças.

Exemplos clássicos de textos deste período são *O reizinho mandão* (Ed. Salamandra, 1973) e *O rei que não sabia de nada* (Ed. Salamandra, 1978), de Ruth Rocha, nos quais as narrativas, aparentemente simples e inocentes apresentam – de fato – uma forte crítica ao *status quo* e exploram temas caros à história brasileira das últimas décadas, como democracia, poder e liberdade.

“Um reizinho mandão mandava todo mundo calar a boca. De medo, as pessoas calavam. E calaram tanto que esqueceram como falar.”

Já na década de 80, acentuam-se movimentos contestatórios que apontam para mudanças significativas na sociedade (movimentos de respeito às diferenças e de valorização da mulher e de sua participação na sociedade, por exemplo) e as temáticas vão se diversificando, com foco na construção de uma sociedade mais justa e equânime.

A leitura do *Procurando firme* de Ruth Rocha (Ed. Salamandra) é um belo exemplo: uma princesa que se cansa de esperar pelo príncipe ideal, aprende todas as coisas que só os príncipes aprendiam e sai pelo mundo, “procurando não se sabe bem o quê, mas procurando firme”.

Neste sentido, Gisela Laporta Nicolelis – destacada autora da época – também levanta sua voz em *Seu rei mandou dizer* (Ed. Moderna, 1984) contando a história de uma princesa feminista e cheia de ideias que ficou cansada

de ser uma bonequinha preguiçosa e decidiu procurar emprego e que liderou uma revolta popular, destituindo seu próprio pai – um rei tirano – do poder. É sua produção libertária vai bem mais adiante com *É duro ser diferente*, *O sol da liberdade*, *Amor não tem cor*, *Gorda ou magra abracadabra* e muitos outros.

Desde o início dessa literatura mais engajada, outra autora icônica é Ana Maria Machado – escritora premiada mundialmente – que propõe a valorização da negritude em *Menina bonita do laço de fita* (Ed. Ática) e dá nova perspectiva aos elementos dos contos de fada no seu *História meio ao contrário* (Ed. Ática, 1977).

É preciso ressaltar que esse conjunto de autoras – responsáveis por essas novas abordagens – continua produzindo até hoje. Exemplo disso é *Ah, Cambaxirra, se eu pudesse*, da mesma Ana Maria Machado, em produção recente, uma história de amor às árvores, de defesa dos direitos e de respeito à natureza.

Vale ressaltar também a importância que passa a ter a ilustração de qualidade nos livros para crianças. O cuidado na edição, com variação de tamanho, forma e cores, enseja o aparecimento de artistas plásticos talentosos e inovadores fazendo com que os livros passem a ser canais de fruição estética, apoiando e valorizando o trabalho do(a) escritor(a).

Neste sentido, a obra de Ziraldo exemplifica muito bem essa relação: artista plástico, desenhista competente e inspirado, o autor/ilustrador cria *O menino maluquinho* (protótipo de qualquer criança) e *Chapeuzinho amarelo* (em parceria com Chico Buarque de Holanda), itens indispensáveis em qualquer biblioteca infantil e que foram retumbantes sucessos editoriais.

Ao mesmo tempo em que se apostava nos textos para pequenos leitores, com o avanço da tecnologia e com editoras que passam a investir pesado no segmento infanto-juvenil, criam-se também algumas coleções importantes para jovens. A Coleção Vagalume, da Editora Ática – de 1973 a 2008 – por exemplo, amplia o mercado, publicando contos e novelas para jovens e adultos. Vale dizer que essa coleção circulou pelas escolas de todo o Brasil, fidelizando leitores que tinham sido estimulados à leitura quando crianças. Autores como Luís Galdino, Marcos Rey e Lúcia Machado de Almeida foram grandes sucessos editoriais e alavancaram vendas expressivas desta coleção.

Além disso, na medida em que as transformações sociais abrem caminho para novas formas de pensar e agir, também a literatura para jovens se liberta de convenções e passa a tratar de temáticas antes proibidas: morte, miséria, uso de drogas, gravidez na adolescência, por exemplo.

Hoje em dia são inúmeros(as) escritores(as) talentosos(as) e qualificados(as) a produzirem bons livros sobre qualquer temática. As publicações se multiplicam e o acesso ao livro fica facilitado por projetos e programas de municípios e escolas que abraçaram realmente a ideia de serem centros culturais e onde a informação se complementa com uma formação cultural mais ampla e rica.

E, modernamente, sem dúvida, os livros feitos para crianças e jovens se afirmam no âmbito da arte da palavra como força necessária e indispensável à formação de leitores capacitados para a fruição da beleza das construções textuais, nos universos ficcionais da literatura.

O infantil

Marlise Albuquerque

Membro associado da SBPdePA.



O infantil, a migração do *setting* presencial para um *setting on-line* e suas surpresas. Posso dizer que 2020 foi um dos anos mais atípicos em minha vida profissional, sem falar no resto! Migramos da noite para o dia de um *setting* presencial para um *setting on-line*. Não que alguns de nós já não trabalhássemos assim com alguns pacientes. Eu, por exemplo, atendo *on-line* há 11 anos, mas os pacientes são adultos jovens, que moram no exterior.

Com a pandemia, vimo-nos todos obrigados a trabalhar dessa forma, com todos os pacientes, e durante várias horas por dia. Confesso que, antes disso, eu nunca havia trabalhado *on-line* com os meus pré-adolescentes e adolescentes. Contudo, a maioria de nós, terapeutas, diante das condições atípicas que nos foram impostas, tentamos levar adiante nosso trabalho para seguir ajudando os pacientes e a nós mesmos no meio desse terror que tomou conta do mundo.

Esse tipo de atendimento, por sorte, permitiu-nos seguir trabalhando. Certamente sairemos todos muito modificados por esta experiência que, para mim, tem sido muito intensa e positivamente surpreendente.

Os meus pacientes pré-adolescentes, quando vêm para se tratar, já preferem mais conversar do que jogar. Muitas vezes conversamos a respeito dos jogos na internet, mas não jogamos juntos. O material de jogo na

sessão se torna apenas mais uma ferramenta que me conduz ao mundo interno do paciente.

Vou descrever o fragmento de uma sessão que tive com uma menina de 12 anos, extremamente tímida, que traz junto com ela sempre algum brinquedo de casa na sessão. Não chega perto dos jogos que tenho no consultório e pouco brinca e se comunica verbalmente comigo. Quando tem ânimo para conversar, geralmente fala de algo que viu na internet.

Confesso que algumas sessões são muito difíceis, pois ela se joga letargicamente na poltrona, pede sempre para ir embora antes do término da sessão, principalmente quando começamos a desenvolver alguma conversa. Ela diz: *"Tá, agora chega, me deixa ir embora!"*

Quando começou a pandemia, a mãe – que também fazia sua terapia *on-line* – me pediu que eu não parasse de atender a menina, e que eu tentasse fazer as sessões *on-line*, assim como ela estava fazendo. Eu tinha uma ideia de que o contato com ela por meio do vídeo talvez não desse certo. Achei que seria um grande desafio, pois com o *setting* tradicional já era difícil... eu fiquei curiosa para ver como seria usando esse recurso.

Combinei, então, com a mãe da menina que eu iria continuar as sessões pela internet com uma condição: que as sessões pudessem durar o tempo que ela (e eu) conseguisse aguentar. A primeira sessão durou dez minutos. Ela jogava sozinha com os amigos e ia narrando para mim

o que estava acontecendo no jogo. Na segunda sessão, fomos um pouco além, 20 minutos. Na terceira sessão, ela estava já bem mais solta e comunicativa, explicando como seria o jogo e, desta vez, já havia um espaço para que eu dissesse:

— *Mas assim não tem graça para mim, só tu joga, e eu fico de fora!*

— *Mas tu quer jogar?*

— *Eu não sei jogar, mas posso tentar...*

— *Ah, então pega teu telefone (eu estava com o iPad) e entra no...*

E assim foi me explicando as regras e eu entrei no seu jogo. Deparei-me com um mundo tão estranho! No jogo, tínhamos que ter algum nome, e foi ela quem me nomeou (Lara's Psi).

Era um jogo em que tínhamos que tentar sobreviver, mas a velocidade daquele mundo era tão rápida que, no primeiro minuto de vida ali dentro, morri. Sorte que nos jogos temos mais vidas, e a cada vida eu ficava mais esperta; mas não se iludam, apenas um pouco mais esperta.

Enquanto tudo acontecia, eu me sentia sozinha. Ali, ela falava com todo mundo e se movimentava com extrema agilidade. Minha parceira estava bem mais à frente do que eu e não parecia estar muito preocupada comigo.

Então eu disse: *"Lara, não sei onde tu tá, o que é que faço?"*

Então ela deu as coordenadas, mas quando eu ia estar com ela, caí na água e fui indo para o fundo, eis que ela se joga atrás de mim e me resgata, aí diz: "Vamos novamente, e desta vez tu tenta ficar junto comigo!"

"Ok", eu disse, e lá fomos nós!

Depois desse dia, as sessões começaram a durar 45 minutos o que, às vezes, para ela, era

pouco. Encontramos outros tipos de jogos, jogos de adivinhação etc. E assim, por meio dessa experiência, está nascendo uma relação.

Se tivéssemos continuado as sessões presenciais, e ela não tivesse me guiado para este momento caótico, onde eu pude experimentar alguns sentimentos que não estavam

encontrando palavras para sair de dentro dela, será que eu chegaria à compreensão real deles como cheguei por meio dessa experiência?

Não tenho resposta para isso, mas creio que pela possibilidade de jogar *on-line* com ela, na sessão, construímos uma ponte que nos ligou e, por algum tempo, temos estado lado a lado.

O infantil

Susana Magalhães Beck

Membro do Instituto da SBPdePA



Em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, o coelho corre para alcançar o tempo que já passa e, esbaforido, exclama: "é tarde, é tarde!" É uma passagem em que a "adultez" neurótica aparece em forma de coelho, na sensação de urgência infindável de compromissos fantasmagóricos que aparecem nos sintomas de ansiedade e que, com muita frequência, revelam-se nas queixas da clínica psicanalítica. Mas de fato, a partir dos pressupostos da psicanálise, podemos observar, nessa passagem, que ali está o infantil, não como adjetivo, mas como representação do inconsciente. A percepção do tempo, tanto na mente, como na física, já dizia Einstein, é relativa e se relativiza, entre outras coisas, em função do resultado da equação da pré-concepção com a realização do encontro seio/mente da mãe e boca/mente do bebê. A capacidade de suportar as ansiedades mais primitivas, como de cair infinitamente, de

ser devorado, de se despedaçar, a angústia de morrer e de separação que estão representadas em todos os contos infantis é constituída na função da *rêverie* materna. A mente da mãe tem de lidar com o tempo do agora da angústia inominável do bebê que cai infinitamente, e a continência que é gerada pela função de digestão mental da mãe, desses elementos primitivos, vai promover a criação de elementos alfa, produtores do pensar, uma das ferramentas mais importantes no processo infindável que é crescer.

Sua Majestade "O Bebê" quer tudo aqui e agora! Postergar, controlar a frustração de não se ter o seio na hora que se quer faz parte do domínio do princípio da realidade, ensina Freud. Mas esse é o grande problema deste século no qual ter que esperar, deixar o tempo fazer sua passagem, é um processo que beira quase ao impossível. A concepção de processo, por si só, já implica em passagem de tempo; origina-se em latim de *processus*, derivado

de *procedere*: "ação de adiantar-se, movimento para adiante, andamento". A geração atual é a geração da tela *touchable*, em um toque o mundo se abre, pode-se visitar países, comprar artigos de qualquer lugar do mundo, capturar imagens, conversar com pessoas, trabalhar, acessar filmes, músicas, livros, fazer pesquisa e mais um sem número de ações a partir de um toque que pode ter uma representação mágica, pois é praticamente instantânea. A tecnologia e seus avanços são a demonstração do produto da capacidade inventiva somada à inteligência e criatividade científica do ser humano. Propiciam-nos conforto e agilidade em diversas ações. Disso não há dúvida. No que isso impacta a mente e a forma de se vincular das pessoas é o trabalho que nós, psicanalistas e estudiosos da mente, temos de fazer.

Será que isso não incrementa muitas vezes o bebê voraz dentro de cada um? Existe um consenso de que as pessoas estão cada

vez mais narcisistas, cada vez mais voltadas para si mesmas, desfilando *selfies* (grandes EUS idealizáveis por filtros fotográficos que aperfeiçoam todos os traços nas redes sociais). O existir se mede em quantidades de visualizações, curtidas e comentários. É a nova versão do olhar da mãe como espelho, segundo Winnicott, mas que funciona como uma prótese ruim, pois não há o processo de vínculo e sim admiradores ou odiadores, curtidas ou comentários *haters* que se presentificam em um toque de tela. A máxima cartesiana de “penso, logo existo” foi transformada pela psicanálise em “sou pensado por alguém, logo existo” e atualizado pelas mídias sociais em “sou visto pelos meus seguidores, logo existo”. Mas, como não há processo de verdade afetiva, o existir se torna frágil. O tempo é volátil, a música lançada seis meses atrás já é antiga, a foto postada na rede social quinze dias atrás já é *#tbt*, ou seja, produto perecido de uma quinta-feira nostálgica (*throwback Thursday*).

Crescer, no sentido de ir rumo a uma individuação e autonomia leva tempo, às vezes uma vida não chega para isso. Além do mais, temos várias partes a serem desenvolvidas. Frequentemente, vemos pessoas intelectualmente muito capazes que não conseguem estabelecer uma relação afetiva ou mesmo socializar. Em contrapartida, vemos pessoas com muita facilidade de se movimentar em grupos, mas que são incapazes de se organizar profissionalmente. Quando Bion fala do espectro que vai do narcis-ismo ao social-ismo, podemos ver um processo de crescimento em que há a possibilidade de avançar e/ou retroceder, não há linearidade e sim complexidade.

Alice toma a poção de uma garrafinha/mamadeira e encolhe e come de um biscoito e cresce. (Interessante a representação simbólica do mamar passivo que encolhe e leva a uma posição mais primitiva e do morder o biscoito, atividade que necessita de agressividade no sentido de movimento e de ação que leva ao crescimento). Essas transformações são acompanhadas de angústia, ou seja, ao encolher, ela passa por uma pequena portinha e, então, revela-se um mundo novo e desconhecido, de vários desafios. Ao comer o biscoito, fica tão alta que quase não cabe no átrio do poço em que havia caído!

O infantil dentro de cada um de nós trabalha como uma cesura, existe um corte, uma passagem do estado líquido do útero ao estado gasoso no nascimento, mas há uma continuidade também. A frase de Freud, citada por Bion, de que “existe mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento no faz crer” revela que a mente passa por estágios de desenvolvimento, cortes do que éramos e nos tornamos, nas várias transformações da vida, mas que sempre nos acompanham nossas partes imersas em fluído amniótico.

O objeto transicional e os fenômenos transicionais, segundo Winnicott, pertencem ao domínio da ilusão, que está na base da experiência do bebê. O fato de O. T. representar o seio ou a mãe é menos importante do que o fato de ele não ser o seio ou a mãe, mas ainda assim poder ser um objeto manipulável. Na verdade, o que realmente é importante é que ele representa o vínculo mãe-bebê e, por isso, auxilia na transição da ausência da mãe e no

caminho rumo à independência e autonomia.

Winnicott afirma que nunca abandonamos o Objeto Transicional, pois ele também sofre transformações e passa a ocupar áreas socialmente aceitas no mundo adulto, como a cultura, o viver imaginativo e o trabalho científico criador. A capacidade de criar num espaço intermediário de experiência é, paradoxalmente, a herança de uma ferramenta necessária para a vida adulta que o mundo infantil nos deixa.

Mas, afinal, o que seria o infantil no tempo da psicanálise? Certamente há uma conotação de origem, mas que da mesma forma permanece dentro de cada um de nós durante toda vida. Ele inicia na infância, mas não pertence somente a esse período. Para Freud, o infantil como substantivo é o recalcado. Em seu artigo *Notas sobre uma neurose infantil*, ele explica ao homem dos ratos que “O inconsciente era o infantil, era aquela parte do eu que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em consequência, se tornara recalcada. Os derivados desse inconsciente recalcado eram os responsáveis pelos pensamentos involuntários que constituíam a sua doença”.

É tarefa da função psicanalítica da personalidade lidar com os aspectos doentes e de predominância psicótica da mente e operar transformações que levem em direção à expansão da mente e a poder desenvolver a capacidade de criar, que é o aspecto mais evoluído da cadeia do pensar. Na infância, brincamos criativamente e, no infantil que está dentro de nós, conservamos a pré-concepção, semente potencialmente germinadora do pensamento criativo.

Reflexões sobre o Infantil

Vera Maria H. Pereira de Mello

Membro titular em função didática da SBPdePA e psicanalista da infância e adolescência (IPA)



O tema do 52º congresso da IPA, a realizar-se entre 24 e 27 de julho do corrente ano, será *O infantil: suas múltiplas dimensões*. Acredito que a escolha deste tema se caracteriza como de suma importância na medida em que estar atento à questão do infantil, ou às várias faces em que ele se manifesta, enriquece muito a condição de escuta do psicanalista. Sabemos que a Psicanálise teve, por meio da percepção arguta de Freud, um primeiro olhar para a importância do infantil. Entretanto, Freud, ao expressar a existência de uma sexualidade infantil, demonstrada pelo artigo de 1905, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, provocou, como sabemos, um certo assombro naquele momento, pois para uma época vitoriana, falar de sexualidade já era algo ousado, e de sexualidade infantil então, beirava a algo visto como transgressor! Esse artigo, no entanto, para a Psicanálise, é de fundamental importância, sendo destacada a sua relevância, também apontando para as reverberações que encontramos da sexualidade infantil manifestadas na sexualidade do adulto. O caminho para visualizar o infantil estava aberto e, em 1921, Melanie Klein apresenta seu texto *O Desenvolvimento de uma criança*. Este trabalho teve grande repercussão, sendo um dos primeiros artigos de sua obra em que demonstra enfaticamente a importância do olhar para o infantil, estabelecendo, como sabemos, a correlação entre o brincar da criança como uma das vias de

acesso ao inconsciente. O brincar, portanto, é coisa séria!!!

A capacidade clínica de Klein é notória e sua condição de escuta trouxe à luz a existência de ansiedades primitivas, vivenciadas nos primórdios da vida anímica, as quais são fundamentais para o entendimento de processos psíquicos em todas as faixas etárias. Da mesma forma, é de suma importância a descrição dos processos defensivos, bem como a forma de organização da experiência na mediação das ansiedades primitivas presentes desde os primórdios da vida psíquica. O conceito de posições demarca, na metapsicologia kleiniana, o olhar para o movimento diacrônico presente no sujeito psíquico, diferentemente de fases, as quais pressupõem um movimento linear. Justificando seu conceito, Klein afirma: "Escolho o termo posição . . . porque estes grupos de angústias e defesas, embora apareçam nos estádios mais iniciais (da vida), não se restringem a eles" (Klein, 1952).

Encontramos diversos outros autores que enriqueceram com contribuições importantes à Psicanálise a partir do vértice do entendimento do psiquismo infantil.

A questão da sexualidade infantil e do quanto ela permanece presente no sujeito também foi tema descortinado no artigo *El malentendido acerca de la sexualidad infantil*, de Mauricio Abadi (Abadi, 1984). Neste trabalho, Abadi sustenta que a sexualidade

infantil não é específica da criança, mas, ao contrário, permanece vigente no sujeito adulto. Como vemos a seguir:

Sexualidad infantil es sexualidad del hombre adulto, sexualidad humana, sexualidad histórica, sexualidad cultural, sexualidad biográfica, sexualidad mítica, sexualidad ligada a la prohibición y a la transgresión, sexualidad ligada a la culpa y a la angustia persecutoria, sexualidad ligada al deseo que nace de la prohibición y que alucina una imposible satisfacción. Esto es lo que se llama sexualidad infantil. Terminemos, por lo tanto y de una vez por todas, con la ingenuidad de creer que cuando se habla de sexualidad infantil, se habla de las manifestaciones sexuales que se dan en el niño. Freud no analizó niños, analizó adultos y fue en los adultos que descubrió la sexualidad que también llamó infantil. (p. 8)

Sendo assim, vemos que o infantil não pode ser pensado como só vivido na infância, pois ele se presentifica de várias formas na vida adulta. Sua manifestação nos joga em um território onde o afeto e as emoções se estendem com muita força, onde o acesso ao inconsciente é fluído, onde permanecem existindo processo primário e processo secundário. Manifestam-se, nesse cenário, elementos proto-simbólicos, formas

primitivas de um permanente devir de atividades mentais.

Florence Guignard descreve com maestria esse conceito dizendo a respeito do infantil: "Estranho conglomerado histórico-a-histórico, cadinho de fantasias originárias e das experiências sensorio-motoras memorizáveis na forma de traços mnêmicos, o infantil pode ser considerado como o lugar psíquico das emergências pulsionais iniciais e irrepresentáveis" (1997, p. 16).

Essa autora também marca a importância da atenção do infantil do analista no encontro analítico com o analisando. Destaca ela que, nesse processo, temos a possibilidade de ver o encontro de duas mentes, sendo que o infantil do analisando, com sua força libidinal, provocará na mente do analista um *quantum* de excitação não ligada devido à força pulsional que dela decorre. A forma como a mente do analista reagirá diante desse *quantum* de energia não ligada merece um olhar mais apurado já que, em

muitas das vezes, poderão ocorrer "pontos cegos". Essas rupturas na comunicação, denunciando falhas na representação, poderiam ser vivenciadas, tanto pelo analisante como pelo analisando, como a perda de um objeto interno significativo. O impacto dessa vivência, quando pode ser suportado, na melhor das hipóteses, gera a possibilidade de produzir novos pensamentos. Entretanto, podem também ser utilizadas estratégias de cunho mais defensivo na tentativa de barrar essa intensidade libidinal, ocorrendo processos que funcionariam como "representações-tampão" (Guignard, 1997). Essas representações-tampão poderiam ser exemplificadas como uma busca do analista à história pessoal do analisando na tentativa de lidar com este fluxo, ou ainda o aprisionamento em um modelo teórico buscando, dessa forma, o mesmo fim.

Neste cenário, o processo analítico ficaria fadado a não proporcionar transformações, ficando

paralisado diante das turbulências libidinais. Entretanto, quando o processo analítico transcorre de forma adequada, transitando por essas turbulências, há o verdadeiro resgate da potência criativa que o infantil enseja. A capacidade transformacional de uma interpretação é tão maior quanto mais ela estiver voltada ao infantil do analisando. Sobremaneira, nesse processo, destaca-se, como sabemos, o instrumento de trabalho do analista, que é a sua própria estrutura psíquica. Neste encontro analítico, analista e analisando vivenciam tensões, e a incerteza, quando tolerada, proporcionará momentos de criatividade.

Deixemo-nos tocar pelo infantil, espaço onde transita a esperança e a crueldade, como diz Florence Guignard, nos limites do sistema lcs-Pcs, o ponto mais profundo de nossos afetos, da coragem e imprudência, força pulsional, aquilo que faz com que sejamos únicos, berço de nossa criatividade!

Conferência*

Sergio Eduardo Nick

Membro efetivo, analista de adultos, crianças e adolescentes da SBPRJ. Vice-presidente da IPA.



Para começar, quero agradecer à Ane Marlise, Sílvia, Patricia e ao Thércio pelo convite para estar nessa aula inaugural.

É um prazer muito grande estar com vocês! Eu fui várias vezes a Porto Alegre e tive o prazer de conhecer a sede [da SBPdePA] mais de perto. Lembro

daquela praça linda ao lado. A gente sai andando e já está dentro de Porto Alegre, um lugar tão bonito, tão pitoresco. É uma pena que estejamos vivendo um tempo desses. O que nos move é pensar que outros já passaram por pandemias longas e saíram delas. Que, em meio à pandemia,

apesar de coisas que nos são absolutamente abjetas como o negacionismo, a morte de pessoas queridas, o sofrimento do povo, a gente possa estar, ao mesmo tempo, vivendo determinadas coisas que me parecem bastante enriquecedoras para nós enquanto humanidade: a solidariedade,

* Conferência de Sergio Nick no evento *on-line* inaugural, em março de 2021, organizado pelo Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

o desenvolvimento científico, a possibilidade de nos mantermos juntos por meio das ferramentas tecnológicas etc.

Agente está vivendo um drama muito grande. Nesse sentido, uma colega dos Estados Unidos, durante uma dessas reuniões *on-line*, disse "*Never waste a good crisis*" (Nunca desperdice uma boa crise), querendo dizer que toda crise é também momento de crescimento, de desenvolvimento, de criação. Então, à parte de toda a tristeza que tantas dessas vivências nos fazem sentir, é preciso olhar para frente, olhar para o lado e fazer o que for possível dentro do nosso campo de atuação.

Quando vocês comentaram sobre a direção da Ane Marlise e toda a sua equipe, me fizeram pensar que é uma amostra do que a gente acabou encontrando em termos de fazeres, realizações. É super importante destacar isso. Então, muito obrigado por estar aqui.

É a primeira vez que eu dou uma aula *on-line*, propriamente dita. Realizei algum *webinar* para cá, para lá, fiz algumas apresentações e muitas reuniões; mas aula mesmo, eu gosto de fazer olhando nos olhos dos alunos, de quem está assistindo, para acompanhar as reações. Vou tentar olhar para vocês e perceber para onde estamos caminhando.

Eu não preparei bem uma aula, no sentido de uma conferência. Achei melhor ser um pouco mais criança, ou um pouco mais brincalhão, permitindo que o meu infantil emerja. Então, vocês vão ouvir algo um pouco mais disperso, vão ver citações, um vídeo, uns *slides* de fotos e, com isso, eu espero construir um pouco do que eu quero comunicar hoje a respeito do infantil.

Eu começo com uma citação da Clarice Lispector. Clarice diz

assim em *Aprendendo a viver*" (2004): "A loucura é vizinha da mais cruel sensatez".

Do que ela está falando? Uma mulher que foi tão fundo no pensar a alma humana, no pensar a própria alma, foi fundo na sua loucura pessoal, foi fundo nos seus dizeres internos e pôde contar coisas tão profundas para a gente. Em *Aprendendo a viver*, Clarice está falando dela, mas talvez ela possa nos ajudar a pensar o que nós todos, enquanto membros do Instituto e alunos de psicanálise, temos para aprender a viver todos os dias. Essa é a minha mensagem para quem está começando, como eu: a gente tem que começar todos os dias.

O que é começar todos os dias? É deixar todos os nossos canais abertos. Todas as vezes em que nos encontramos com o paciente, temos que deixar a nossa criança viva, acesa, ligada. Temos de voltar para a análise toda vez que percebermos algo muito fechado dentro de nós, para permitir que aquilo que se transfere seja o infantil.

Já dizia Meltzer, lá atrás, e de alguma maneira Freud também – eu vou ler alguma coisa do Freud para falar sobre isso –, esse infantil que se transfere só vai ter ressonância (no analista) se o analista puder ter esse contato com o próprio infantil. Por isso, aqueles que estão começando de verdade essa aventura psicanalítica têm que fazer análise, têm que fazer supervisão, têm que pegar casos clínicos para pesquisar, entender, ir fundo nisso, têm que aprender as teorias. TÊM QUE (*com ênfase*). Pode ser um pouco exagerado, mas vamos lá.

Quero começar com duas citações de Freud e uma da Marion Minerbo, que eu acho que se completam.

Freud (2010) diz assim em 1912:

Todo ser humano, pela ação conjunta de sua disposição inata e de influências experimentadas na infância, adquire um certo modo característico de conduzir a sua vida amorosa. Isto é: as condições que estabelece para o amor, as pulsões que satisfaz, os objetos que se coloca. Uma parte desses impulsos que determinam a vida amorosa perfaz um desenvolvimento psíquico... (p. 102)

Quando ele fala "desenvolvimento psíquico", é no sentido de dirigir as pulsões sob a égide do princípio de realidade. Eu vou falar um pouco mais sobre isso.

... dirigida para a realidade, fica à disposição da personalidade consciente e constitui uma porção dessa personalidade consciente. Outra parte desses impulsos libidinais que foi detida nos seus desenvolvimentos pode se expandir apenas na fantasia ou permanecer de todo no inconsciente. (Freud, 1912/2010, p. 102)

Freud está tentando pensar sobre como aquilo que foi recalcado, impedido de se representar na mente, de aparecer na mente como alguma coisa consciente, alguma coisa que faz parte da personalidade, que ele vai chamar de personalidade inconsciente – nós temos, portanto, uma parte consciente, uma parte inconsciente. Ele quer dizer: há algo que a gente não vai poder usar e só vai aparecer através de sonhos, chistes, lembranças encobridoras, sintomas, transferência e outras formas de emergência do inconsciente no contato humano.

A Marion Minerbo (2016) fala assim: "Há identificações que são integradas e passam a fazer parte do Eu, mas há outras que não são integradas e fazem parte do inconsciente. Apenas essas serão transferidas, justamente porque

não estão subjetivadas . . .” (p. 20).

Subjetivadas, para quem não está familiarizado, é um termo que vem de Lacan, mas quer dizer no sentido de tornar-se sujeito, o tornar-se sujeito no sentido de que a gente possa ter acesso o mais possível às nossas pulsões, ao nosso interno. Então, aquilo que não está subjetivado vai aparecer, mas não enquanto essa personalidade consciente. Ela termina dizendo: “. . . essas partes que vão ser transferidas integram o psiquismo na condição de um corpo estranho” (Minerbo, 2016, p. 20).

Então, se eu faço um chiste aqui, nossa, que estranho... Há alguma coisa que eu estou dizendo através do meu chiste, do meu ato falho ou do meu sonho, que eu não compreendo. E ela continua assim: “. . . o analista é, e ao mesmo tempo não é, a pessoa com quem o paciente se relaciona” (Minerbo, 2016, p. 11).

É fundamental essa frase, porque pensamos que a relação com o paciente se dá a partir do que a gente entende ser a nossa pessoa. E é isso que eu tento colocar em ênfase aqui: o que vai se colocar na relação analítica é o que a gente não sabe que é, essa é a parte principal. Essa é a parte que vai importar. Essa é a parte na qual a gente vai resistir. E é só no encontro com o paciente que a gente vai poder acessar esse algo nosso que não conhecemos. O que a gente conhece e já elaborou a gente vai podendo tratar, e a relação com o paciente segue em frente.

Então, terminando a citação da Marion, ela diz assim: “. . . o analista empresta sua pessoa, isto é, a sua matéria psíquica para dar vida e corpo à outra pessoa. Um aspecto da figura parental com quem o psiquismo continua enroscado ainda hoje” (Minerbo, 2016, p. 11).

Ao falar que o analista empresta sua matéria psíquica, Marion dá voz ao que eu estou tentando comunicar aqui. Há algo que a gente não conhece muito bem e que se vai viver na relação analítica. Esse viver na relação analítica fará com que algo novo emerge, algo desconhecido tanto para o analista como para o paciente; uma coisa que terá de ser vivida, experimentada.

Quando eu e a Virginia Ungar, presidente da IPA, começamos a pensar o tema do Congresso de Vancouver, estávamos a mil com a questão da infância. Virgínia estava muito feliz de ter podido implementar na IPA (International Psychoanalytical Association) e em algumas sociedades, como a de vocês, a formação integrada. Estávamos muito contentes de ter podido falar do feminino em Londres. Estávamos pensando sobre como fazer a “velha guarda psicanalítica” falar do infantil. O infantil sempre foi ligado à infância. Ao falar do infantil, se falava de infância, coisa dos pequenos, coisa dos meninos ou das crianças.

Pouco a pouco, se pode passar da infância para o infantil, mas este ainda como um adjetivo.

Quase não se viabilizou The Infantile como título do nosso congresso de julho (2021) porque, na língua inglesa, esse é um termo absolutamente pejorativo. É o *infantile* enquanto um adjetivo: “ah, isso é infantil!”, “coisa de criança”.

O que nós tentamos fazer e ainda não conseguimos – e eu vou tentar falar um pouco sobre isso para vocês hoje – é substantivar o infantil. O que significa substantivar o infantil? É tentar dar ao infantil o seu *status* próprio, do que o psiquismo humano é feito.

Vocês estão estudando, se relacionando como adultos, tentando levar à frente um projeto bastante difícil: o estar psicanalista.

Eu costumo dizer isso, eu prefiro dizer que eu estou vice-presidente, e não que eu sou vice-presidente. É uma passagem.

Estar psicanalista é essa dificuldade de poder entrar na criança e sair, entrar no aspecto, no terreno do infantil e poder sair para poder pensar o que houve, o que aconteceu, que ato falho foi esse, que sonho foi esse que foi sonhado a dois, com o meu paciente... O que foi que aconteceu?

É preciso ter contato com a parte adulta para ajudar a compreender a criança dentro de cada um de nós.

Mas voltando ao infantil e sua conceptualização, queria falar de uma experiência da primeira reunião do Programme Committee do Congresso da IPA/2021. Nós tínhamos que cuidar da escritura do *blurb*¹ quando o comitê de programa do congresso se reúne numa sala durante dois dias e meio para pensar o congresso. Usualmente, fazer o *blurb* se trata de descrever o tema do congresso. Passam-se duas ou três horas e está ele descrito, selecionam-se alguns subtemas e pronto. Este comitê é formado por uma equipe bastante competente, capacitada em termos de teoria psicanalítica, de ser psicanalista e de preparar congressos.

Pois esse grupo altamente qualificado passou o dia inteiro discutindo o que é o infantil. O dia inteiro! Eu diria que a descrição do tema do congresso foi das mais demoradas que já tivemos.

Então, o infantil, por mais que vocês vão me ver aqui falando, citando Freud, lá no início, ainda não é um conceito psicanalítico. A gente espera poder desenvolvê-lo

¹ Blurb é uma breve descrição do tema de cada Congresso com fins de divulgação ao público.

durante o congresso. E eu espero poder desenvolver aqui, com vocês, um pouco daquilo que já se falou acerca do infantil.

Com certeza, alguns de vocês podem não concordar [com a afirmação de não ser um conceito psicanalítico], mas eu vou continuar.

O que é a noção do infantil, segundo esse grupo que passou o dia inteiro discutindo? Eu vou citar apenas alguns excertos de nossa descrição, ok?

“A descoberta de Freud sobre a neurose infantil tem uma grande presença em nosso trabalho diário. A noção do infantil inclui referências à criança e ao bebê no paciente. Além disso, inclui o infantil no analista” (International Psychoanalytical Association, 2021). Eu estou tentando falar isso todo tempo, eu me repito, mas me parece importante.

Sem a noção do infantil, a psicanálise simplesmente não existiria. O inconsciente, ou seja, a parte recalçada que vem do infantil, persiste por toda a vida, está no cerne da teoria e da prática psicanalítica. A parte infantil do inconsciente não é uma área claramente definida. O que é infantil? Embora o infantil seja onipresente, também é esquecido. (International Psychoanalytical Association, 2021)

Então, eu estou falando aqui do infantil, e vocês estão todos assinalando com a cabeça como quem entende o que falo, estão acompanhando, porque a gente está despertando essa noção. Mas a nossa tendência é: “Sou um adulto, deixa o infantil para lá”. Aí perguntamos: “Por que o infantil deve ser recalçado?” (International Psychoanalytical Association, 2021). Eu não vou continuar lendo totalmente, mas eu vou trazer

alguns pontos. “A ideia do infantil inclui os estados primordiais e não representados da mente humana” (International Psychoanalytical Association, 2021). Não é só isso, mas inclui isso, e é com isso que a gente vai ter que trabalhar na clínica. “Por outro lado, falando da infância, dificilmente podemos dizer que a infância contemporânea tem muito a ver com aquilo sobre o qual as primeiras observações psicanalíticas foram feitas, há mais de um século, na época de Freud” (International Psychoanalytical Association, 2021).

Temos uma infância diferente hoje, uma infância muito mais reconhecida como tal, muito mais tratada como tal. Se vocês lembrarem, em 1990, o governo instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente para dar direitos à criança e deveres aos pais, cuidadores, avós e família, no sentido de reconhecer que [a criança/adolescente] é um ser em fase especial de desenvolvimento.

Perguntaram-me no curso que eu estava fazendo: por que tem de escrever isso? Não é à toa que se escreveu um Estatuto da Criança e do Adolescente. Era uma das leis mais modernas existentes. Por quê? Porque, normalmente, tratava-se a criança como um escravo, alguém que vai nos escravizar, em função de toda a dependência, mas também alguém que vai ter que fazer tudo aquilo que os adultos mandam.

Hoje não é mais assim. Hoje se escuta a criança de uma outra maneira, há uma interação com a criança que antes não era tão comum. Dá-se voz e lugar à criança.

É por meio da psicanálise que podemos manter vivos em nós aspectos saudáveis do infantil, para que possamos brincar com a imaginação, ser sensíveis à emoção, nos deixar ser vulneráveis o suficiente para

ressoar com nossos pacientes em nosso trabalho clínico, ser criativo em nosso próprio campo e além dele, no jogo, no humor, na inventividade e na arte. Mas recalcamos o infantil em nós mesmos à medida que esquecemos nossas raízes ancestrais. Isso está relacionado ao desamparo vivenciado nos momentos iniciais da Infância? É nossa ignorância que não toleramos? Essa ignorância é um dano doloroso ao nosso narcisismo infantil? Existem pensamentos indômitos que tivemos e dos quais nos envergonhamos em nossos seres mais civilizados e adaptativos de hoje? Qual é o preço que pagamos por termos perdido o contato com nossas ricas origens? (International Psychoanalytical Association)

Isso colocado, eu penso ter dado a vocês um breve exame do que a gente pode falar do infantil. Se a gente puder entrar um pouco mais a fundo, pensando nele mais psicanaliticamente, a gente vai poder entender o que ocorre na infância.

O que ocorre na infância é justamente esse atravessamento do princípio do prazer com o princípio da realidade.

É como se, quando as crianças estão imaginando que os animais falam, quando elas estão imaginando, na ausência de qualquer pessoa ou que tenha alguém olhando para elas... Tem um exemplo bom da Florence Guignard quando ela fala assim, em uma entrevista que ela deu aí para Porto Alegre, para a Associação Psicanalítica. Ela está descrevendo um pacientezinho.

Uma criança chega a ela com medo de comer fruta. Por que fruta? Ela está trabalhando com a criança [essa questão]. Todo dia, no café da manhã, os pais comem fruta, e a criança sai da sala, vai para um canto e se esconde. Depois de muito trabalhar, ela pergunta ao menino: “Você não

gosta de fruta porque acha que é assim que seus pais fazem bebê, né? Aí o menino responde para ela qualquer coisa assim: "É, mas eu continuo com medo mesmo assim".

É uma criança que já está podendo sair desse puro princípio do prazer, por ausência da realidade, o teste de realidade, mas que continua atravessada por essa confusão de áreas: o que é realidade e o que é ficção? É o que a gente vive quando vai para o cinema. A gente se fecha naquela sala escura e aí começa o filme, apagam-se todas as outras sensações.

Muita gente prefere ir ao cinema sozinho, outros só vão se estiverem acompanhados. Está vendo um filme romântico e chora copiosamente, como se estivesse lá dentro da cena. Ou vê um filme de terror e morre de medo a ponto de tremer e querer sair dali porque não aguenta. Mas é meramente um filme. E por que o cinema ou um filme nos tocam assim? Porque nele temos uma suspensão do teste de realidade enquanto estamos assistindo ao filme. A criança vai ter que lidar com isso. Vou trazer um vídeo que mostra bem este atravessamento que estou falando.

(Sergio passa um vídeo. Trata-se de parte dos estudos do chamado Experimento do Marshmallow, sobre recompensa postergada. Pode ser encontrado no YouTube. As observações de Sergio, a seguir, são feitas durante algumas das cenas do vídeo.)

O que uma criança não faz para esperar... para conter os seus impulsos?

Esse teste é interessante, pois coloca a ideia do desamparo... o provimento do alimento... toda a questão do jogo: "Eu como ou

eu não como? Eu finjo que como, mas eu me seguro... Não, eu vou comer, eu não aguento! Aaaah... eu vou tentar comer..."

Ops, essa aí, coitada, perdeu o seu segundo *marshmallow*!

Então, vocês veem aqui diferentes crianças em momentos de contenção pulsional.

"Aí, quando eu tenho os dois, o que faço?" (*a criança, no vídeo, abocanha os dois marshmallow juntos*). E aí (*outra cena*) a frustração quando não se consegue [esperar] para ter a recompensa.

"Sergio, e tem a questão de atender o ideal de quem está pedindo para a gente esperar, né?" – pergunta Ane Marlise.

É verdade. Mas é um duplo ideal: o ideal de atender ao que se espera da gente e [o ideal da] a recompensa, o ideal de uma recompensa maior.

Nesse vídeo, se está falando do tempo que cada um aguenta esperar. Eu vou tentar tratar disso na discussão do caso clínico (que será apresentado a seguir) que traz aspectos em que isso está muito presente.

Com isso, seja ao citar o cinema, seja ao mostrar essas crianças, eu tento falar sobre o risco, para nós, analistas, de deixar com que esses impulsos entrem na cena psicanalítica. Que possam, de alguma forma, participar [de um modo] fora de controle. Porque toda vez que a gente abre uma janela para o inconsciente, estamos abrindo uma janela para o desconhecido, algo que a gente não tem domínio, que pode estar ali e pode fugir à nossa capacidade de controle.

Por isso, quando a gente fala de adulto, a gente está falando de linguagem, comunicação verbal e processo psíquico secundário. Quando a gente está falando de criança – a gente vai ver isso no caso clínico também – a gente

começa a pensar em linguagem corporal.

Veja como essas crianças fazem uma linguagem corporal tão rica, expressando tão ricamente as emoções que elas estão vivendo ao longo desse vídeo. E [a gente começa a pensar] a linguagem dos jogos e dos desenhos. Como nós, analistas, podemos brincar com a linguagem verbal, o humor, o chiste, a possibilidade de brincar com as palavras que o paciente está apresentando e, com isso, ir trazendo esse infantil para dentro da cena analítica.

O outro ponto que eu queria destacar, quando a gente fala de infância – eu não sei o quanto vocês já conhecem da posição esquizoparanoide *versus* a posição depressiva –, mas: a posição esquizoparanoide seria uma posição do infantil por excelência.

Nela, onde você vai ter cisões, um esfacelamento da mente, a presença de projeções, a divisão radical entre bom e mau, a presença do sadismo primário... que alguns preferem associar ao puro instinto de morte, na ideia do que o instinto de morte apresenta. O que se fala do instinto de morte? É o retorno ao inanimado, é a quebra das ligações que a pulsão de vida vai fazendo.

O sadismo enquanto tal é responsável por muito do que é reprimido. Por quê? Porque quando o sujeito sai da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, começa a entender que aquele objeto que ele odiou com tanta força, que ele atacou com tanta veemência, com tanta crueldade, é o mesmo objeto que cuida, que nutre. Assim, percebe-se que podemos fazer mal a alguém que se ama, podemos ter feito mal a quem se ama. Então, há toda essa questão que a gente

levanta. O que foi feito da nossa infância? O que foi feito desses impulsos, dessas fantasias?

Anteontem, eu falava com uma paciente que está começando e ela disse: "Eu não lembro nada da minha infância, não tenho ideia do que se passou lá, eu só sei por me dizerem o que aconteceu". Então, o que a gente vai ver aqui é uma capa que apaga todo esse funcionamento infantil da consciência, da lembrança, da memória, que vai ser revestido pelo que a gente chama de representação-palavra, pela linguagem verbal, pela capacidade de pensar os processos psíquicos através do processo psíquico secundário. Estamos aqui na raiz do recalque.

Tem uma passagem... Eu não estou exatamente lembrando agora de qual autor, mas é o momento em que... e eu vou dar um outro exemplo, em que a pessoa está com um paciente obsessivo compulsivo... e vocês sabem: o que caracteriza a neurose obsessiva compulsiva é a intrusão na mente de pensamentos compulsivos e obsessivos que o sujeito rejeita, acha louco, estranho, mas não consegue fazer com que parem de emergir na mente. Alguns preferem dizer: "Bom, isso é uma falha na repressão, vamos aumentar a repressão". Nós, psicanalistas, pensamos isso como a emergência do inconsciente.

Essa paciente à qual me refiro era de uma crueldade com ela mesma, uma coisa incrível desde criança, muito cruel. Ela vinha de uma análise onde essa crueldade tinha sido fortemente criticada. O analista atuando como um superego bastante cruel também, dizendo: "Para com isso! Para com isso!".

A única coisa que permitiu com que aquilo começasse a se transformar em algo pensável,

brincável, algo que não apenas emergisse através de sintomas, foi quando ela começou a poder trazer a sua crueldade, o seu sadismo primário para as sessões. Quem é que aguenta isso? Quem é que, na posição de objeto de transferência, aguenta ser objeto de maldades terríveis? Aguenta ser objeto dia a dia de maldades, de ser maltratado? Muito difícil.

Eu remeto vocês ao trabalho da Anne Alvarez (1995) com uma criança tida como psicopática, que apanha durante muito tempo. Ela diz que só batendo essa criança vai poder trazer em cena esses aspectos. Vai poder incorporar isso como seu, para depois pensar numa posição depressiva que possa fazer com que haja um mínimo de regulação desse sadismo primário, não mais como sintoma, não mais como característica da personalidade, não mais como caráter.

Difícil, não é? Talvez eu esteja entrando numa área um pouco mais difícil do que é ser psicanalista. Mas, se a gente não for por aí, eu não sei. Talvez eu esteja falando um pouco demais, não é?

Obviamente, quando eu tento falar do infantil, do inconsciente, eu estou pensando sobre o que é estar com os nossos pacientes. E aí eu vou trazer – para quem conhece, eu peço perdão – eu vou trazer um bebezinho muito especial. Eu acho que, enquanto especial, ele traz para a gente o cerne do que vamos chamar de intersubjetividade.

O que é intersubjetividade? É quando duas pessoas se encontram, de uma forma a outra. Quando uma mãe encontra o seu bebê, ainda não é mãe. Ela só será mãe depois de vê-lo, de cuidar dele. Por exemplo: ela deu de mamar

ao seu bebê e o bebê fez aquela cara de prazer ou ficou apaziguado. O bebê está dizendo: "Você é minha mãe, você cuida de mim". Essa é a raiz da intersubjetividade.

(Sergio começa a mostrar slides de um livro.)

É um livro fantástico: *The Social Baby*, de Lynne Murray e Liz Andrews (2005). Se vocês puderem comprar, comprem. Eles fazem fotos de bebês recém-nascidos e mais crescidinhos. São muito *slides*, mas vai ser rápido. Eu vou apresentar para vocês o Ethan.

O que eu quero que vocês prestem atenção é no tempo [indicado nos slides/hora da gravação].

Aqui é o momento em que ele sai da barriguinha da mamãe: 14h07m55s. Parece que bem, aparentemente. Mas vamos ver os primeiros minutos do Ethan...

Aqui, os primeiros segundos dele, com a enfermeira, que vai pinçar o cordão. Quando ela faz isso, vejam o movimento da mão desse menino! Para se apaziguar, numa situação de muito desconforto, pela novidade, ele leva o dedinho à boca, um recurso próprio e não tão comum de se encontrar em bebês dessa idade.

Então, é retirado daquele berçinho e levado para um lugar onde ele possa ser melhor observado. Aí ele já perde a mão na boca e abre o berreiro. As mãos totalmente abertas [os braços também], naquele sinal de que está se sentindo completamente desamparado. Não tem um minuto de vida aqui. Aí a enfermeira, talvez porque esteja sendo fotografada, rapidamente o traz de volta para o colo da mãe. Ao chegar, chora desesperado, mas rapidamente, ele tem um minuto e pouco de vida, seus braços já começam a estar contidos. Ele é coberto. Ele ainda está

um pouquinho magoadinho. A mãe fala com ele, e ele faz aquela cara de “aaai, me fizeram sofrer”.

A partir daí, ele é cuidado, estão todos cuidando dele, a mãe está falando com ele, está relaxada. E aí vocês vão ver ele encontrando a sua mãe. Não temos menos de dois minutos de vida ainda, ele parece até sorrir. Ela segura a mãozinha dele, e ele continua olhando para a face dela. Não se sabe direito o que ele consegue ver, mas está atentamente olhando. Nós, homens, não temos mais o que fazer numa sala de parto, vocês vão ver como esse pai participa e, ao mesmo tempo, atrapalha.

O pai começa a passar a mão na testa do Ethan. Ele perde o contato visual com a mãe e já começa a se agitar um pouco. Tenta levar o dedinho à boca, mas não consegue. Depois faz uma cara de quem não está gostando. A mãe parece que também não gostou dessa interrupção. Mais adiante, ele faz uma cara de quem não está gostando mesmo.

Depois, já estamos em outro momento. Se passaram uns 3 minutos, quase 4 minutos de vida.

O paninho é removido dele, ele de novo tem uma sensação de agitação, de imprevisto, algo desconhecido vai acontecer. Ele é levado pela enfermeira. Vejam, é muito rápido: 12h49 para 12h51, em 12h57 ele já está de volta. Parece estressado. É colocado no peito da mãe, o cordão é cortado, ele faz aquela carinha de muxoxo, mas já com alguém assistindo. Ele começa a conhecer a sua mãe. Ele não parece interessado em mamar, quer olhar para a mãe, talvez ouvir o que ela tem a dizer. Olha que lindo! Ele parece muito expressivo, não tem sete minutos, oito minutos de vida ainda. De vez em quando, ele olha em volta. Tem vozes, movimentos... e logo retoma o olhar para a mãe.

Parece realmente feliz ao estar em contato com ela!

Por que eu estou colocando isso?

Porque penso que essa é a essência do contato com o paciente, é isso o que a gente perde no contato *on-line*, essa coisa de você sentir o outro. Eu estou falando com vocês, mas eu não tenho a menor ideia se estão gostando ou não do que eu estou falando, se estão interessados, se não estão, se estou falando grego, se estou falando psicanalítiquês demais... Porque não sinto vocês, consigo olhar alguma coisa, mas não vejo tudo o que seria possível se estivéssemos frente a frente.

Se vocês conseguem esse contato com os seus pacientes, esse paciente vai ficar. Você pode falar bobagem, pode errar à vontade, mas é isso que se busca. É um encontro. Porque quem vem para a análise não vem numa situação [do tipo] “Ah, eu vim aqui para me conhecer”. Quem vem para a análise [para] se conhecer está mentindo!

A gente vem para a análise porque falhou, porque deu PT, perda total, como se fala aqui. Porque não dá mais conta sozinho. É preciso esse encontro, na situação de desamparo, para que a pessoa possa voltar a confiar que alguém vai dar conta de ajudá-la a sair dessa situação de desamparo.

(De volta aos slides do Ethan)

Aqui, ele olhando ao redor, o pai está falando. Mas ele logo retoma o olhar para a mãe. Aqui é uma parte que eu acho importante: quando estão cuidando da mãe e o Ethan fica no colo do pai.

Vocês vão ver, eu vou passar meio rápido. Ele olhando para o pai atentamente... o pai está olhando para ele... claramente, não

está conversando com ele como a mãe estava. O pai absorto ao olhar para ele... Como todo pai (Sergio fala jocosamente, da falta de jeito de muitos pais com os bebês), não sabe falar, não sabe o que dizer, mostra a língua para o filho [como quem diz] “Seu desgraçado, vai tirar minha mulher de perto de mim!”, qualquer coisa assim, talvez. O que acontece? O Ethan olha muito atentamente para o pai, começa a mexer a boca, parece muito concentrado nisso, fecha o olho e ... mostra a língua para o pai!

Vejam o tempo: ele não tem 20 minutos de vida. Um pouco depois, ele ainda está olhando... o pai abre a boca, ele começa a se concentrar de novo, relaxa... Aí, o pai mostra a língua. Ele começa a mexer e... bumba! Aí está a tentativa [de mostrar a língua].

Isso quem nos trouxe, vocês devem lembrar, foi o Guerra (2014), um grande estudioso desses primeiros momentos de vida. A gente chama de imitação. Eu vou tentar achar o termo aqui, porque é muito interessante de a gente pensar.

São três autores: [Andrew] Meltzoff, [Colwyn] Trevarthen e [Daniel] Stern. Eles falam em correspondência transmodal. Através desses processos de imitação, que vão percorrer a infância, mas que são muito passíveis de se conhecer no início da vida, a pessoa começa a imitar o outro, a corresponder de uma maneira ainda não pensada, que ainda não passa pelo pensamento. Que passa pela simples tentativa de ser como o outro, de parecer como o outro, que o bebê vai adquirindo o que a gente entende como a sua humanidade. E o pai, obviamente, fica feliz da vida com isso!

Outro momento para vocês entenderem como o Ethan busca o contato (*de volta aos slides do Ethan*): ele está no colo do pai, a

mãe começa a conversar com o pai, e o menino parece perceber que é a mãe. Ele vira a cabecinha para olhar a mãe, em busca dela. Por quê? Porque a mãe significa familiaridade. Ele ouviu essa voz, esse som, durante muitos meses. O Ethan está em busca do encontro com algo que lhe permita pensar que está com alguém conhecido.

Eu estou passando um pouco do meu tempo para vocês poderem pensar e entender como são importantes essas comunicações iniciais que a gente vai ter com os nossos pacientes sem perceber: o olho no olho, os dois beijinhos, muito comum aqui, não sei como é aí, o cumprimento das mãos ou os gestos que a gente vai fazer.

Eu vou parar por aqui.

(*Ainda nos slides*) Esse é ele mais crescido, em uma intensa correspondência com a mãe.

O Ethan é um bebê especial para mim. Um bebê superdotado em termos de poder se encontrar com o outro. O que a gente vai ter na clínica é algo diferente. A gente vai ter na clínica bebês que têm dificuldades nesses encontros. Não vão ter essa possibilidade de encontro rico como o Ethan faz com o pai e com a mãe, mas que a gente vai ter que entender o porquê. A gente vai ter que se esforçar muito para encontrar os nossos pacientes aonde eles não se conhecem!

Mas deixando o Ethan de lado, eu queria falar um pouco de latência para vocês, para poder pensar nessa transição da infância para adolescência, para a pré-adolescência, mas o que eu tenho é uma aula de uma hora. Eu vou ter dificuldade de condensar isso.

Só vou relatar para vocês as características. Pensando em desenvolvimento – essa é uma palavra um pouco, digamos, criticável e ao mesmo tempo necessária para a gente entender essas fases.

Temos as fases do desenvolvimento psicosssexual, descritas por Freud e tantos analistas: oral, anal, fálica, para depois entrar no auge do complexo de Édipo, a destruição do complexo de Édipo, o esfacelamento do complexo de Édipo, que vocês vão estudar e vão ver que maravilha que é essa possibilidade de enunciação do Édipo a partir das descobertas freudianas. Depois tem uma fase de latência, que ficou muito deixada de lado. Alguns autores, como o Fernando Urribarri, a Marina Altman, o próprio Meltzer e outros, pensaram um pouco o que é.

Eu só vou falar de pincelada.

Quais são as características da latência?

Uma certa diminuição do interesse sexual, a erotização diminui, uma presente e maior identificação com os pais reais, o surgimento de sentimentos de pudor e repugnância – aquilo que eu falava da tentativa de reprimir esse sadismo primário –, a intensificação das repressões, uma certa diminuição da emergência do inconsciente, o desenvolvimento de sublimações, intensas mudanças na organização e no funcionamento do psiquismo e novas formas de conduta e relacionamento social.

É como se a criança deixasse um pouco o puro jogo – e vocês viram, no vídeo do *marshmallow*, as crianças tentando dançar, bater cabeça na mesa. É como se todo esse arsenal começasse a se desenvolver e permitisse com que a criança pudesse, pouco a pouco, fazer frente à necessidade de contenção pulsional.

Então, a criança que nos deixa loucos até os 3 ou 4 anos, que a gente tem que sair atrás para cuidar, de repente já fica mais quietinha, de repente fica mais fácil de lidar. Você, analista, pode chamar

essa criança para um jogo e ficar um tempo maior no jogo com ela.

Isso, para nós, é fundamental pensar como o superego, nessa fase, vai passar por um momento crucial. Leiam Fernando Urribarri. Os textos dele sobre o superego, também conhecido por superego, nos ajudam a pensar toda essa transição que se faz da latência para a pré-adolescência, da adolescência para a fase adulta. Quais são as transformações que são vividas aí.

Eu queria dar lugar para que vocês possam falar um pouco e eu parar de falar também. Obrigado.

Referências

- Alvarez, A. (1995). Motiveless malignity: Problems in the psychotherapy of psychopathic patients. *Journal of Child Psychotherapy*, 21(2).
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In *Obras completas* (Vol. 10, pp. 100-110). São Paulo: Companhia das Letras (Original publicado em 1912)
- Guerra, V. (2014). Indicadores de subjetividade 0-12 Meses: Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos. (parte 1). *Psicanálise*, 16(1), 209-235.
- International Psychoanalytical Association (2021). *Call for proposals - 52nd IPA Congress 2021*. www.ipa.world/vancouver
- Lispector, C. (2004). *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Minerbo, M. (2016). *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Murray, L., & Andrews, L. (2005). *The social baby: Understanding babies' communication from birth*. Richmond: CP Publishing.
- The Marshmallow Test. [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=OKNu1qjgXaA>

Transcrição: Loraine Luz

Notícias

Notícias da AMI

O ano de 2020 foi encerrado em grande estilo com o projeto *Fale-me mais sobre isso*, com a presença do analista Cesar Augusto Antunes, representante da primeira turma de analistas formados na SBPdePA.

Com o tema *O infantil e a infância*, tivemos a atividade inaugural do primeiro semestre de 2021, no dia 13 de março, cujo convidado foi o analista Sergio Nick da SBPRJ. A colega, membro do instituto, Vlândia Z. Schmidt "com tanta sensibilidade e afeto, brindou-nos com um caso difícil e muito representativo das nossas

angústias e desafios da clínica", segundo as palavras da colega Luciene Beckenkamp.

A AMI vem participando ativamente das reuniões com o Instituto da SBPdePA discutindo questões relativas à formação e possíveis modificações de regulamento de acordo com as solicitações dos membros do instituto.

Ao longo de 2021, temos planejados a nossa Assembleia Geral e o *Fale-me mais sobre isso*, que serão realizados de maneira *on-line* no dia 16 de junho às 20 horas, e nosso já tradicional Simpósio da AMI a ser realizado no segundo



semestre – uma oportunidade para confraternizarmos e conhecermos as produções e pensamentos dos nossos membros do Instituto.

Agradecemos a participação dos colegas que, cada um à sua maneira, debateram, participaram e se engajaram nas atividades.

Diretoria AMI: Camila Reinert, Carmem Nogueira, Luciana Buseti e Thércio Brasil.

A nova Área de Transmissão da Psicanálise

Helena Surreaux

Membro titular da SBPdePA

Apresentar esta nova área de trabalho da Brasileira, incluída no guarda-chuva da Diretoria de Relações com a Comunidade, é um privilégio que vem a partir do gentil convite da Caroline Milman para escrever esta nota.

Esta área surge para organizar todas as modalidades de transmissão da psicanálise dirigidas à comunidade que vêm acontecendo desde sempre, mas enormemente incrementadas, sobretudo, a partir da ampla migração para as atividades *on-line* no nosso pandêmico 2020.

Cabe ressaltar o histórico de crescimento que a Diretoria de Relações com a Comunidade vem apresentando, já que se encontra num lugar estratégico por onde se canaliza o importante movimento de toda a IPA, no sentido da expansão e da difusão da psicanálise.

Sempre experimentando adaptações que atestam a sua vitalidade, a instituição fundada por Sigmund Freud vem trabalhando no fortalecimento do seu diálogo com a comunidade. Em sintonia fina com esse movimento, a Bra-

sileira já vem, há anos, investindo nesse extramuros por meio de projetos sociais e da transmissão do conhecimento psicanalítico mediante cursos, grupos de estudos e outros espaços, todos sob a responsabilidade da diretoria de Relações com a Comunidade.

Dessa reorganização, nasce a **Área de Transmissão da Psicanálise**, resultado da visível ampliação do antigo Núcleo de Estudantes, criado em 2014, com o intuito de aproximar a Brasileira dos estudantes e das universidades, levando a psicanálise a esses univer-



os e abrindo nossas portas para a produção de interlocução e de transferências com esse público.

A partir de agora, as várias instâncias de transmissão da psicanálise para o público externo, como os tradicionais grupos de estudos para a comunidade, o Núcleo de Estudantes, com seus já consolidados cursos de férias e rebatizado de Espaço do Estudante, além daqueles eventos com organizações pontuais, como as *lives*, estarão incluídos na nova **Área de Transmissão da Psicanálise**, que tenho a honra de coordenar durante esta gestão. Terá ainda o foco dirigido à produção de novos cursos e minicursos a serem ministrados por membros da Brasileira ou de fora, *on-line* e presencialmente, quando esta voltar a ser uma condição possível.

Desde 2020, com o advento da pandemia, lançamos os seguintes cursos *on-line*: Psicopatologia da vida cotidiana em isolamento social (junho e julho de 2020), Contribuições da Psicanálise para pensar a reprodução assistida e suas consequências (agosto 2020), Pestes e letras” (por Voltaire Schilling, setembro 2020), Trauma (novembro e dezembro 2020) e Narcisismo (janeiro 2021). Ainda para o primeiro semestre deste ano, está previsto o curso: Sobre a transgeracionalidade.

Todas essas atividades contaram com grande afluência de público e foram marcadas pela rica condição de aproximar pessoas de diferentes latitudes, desde o interior do estado, de diferentes lugares do Brasil e, inclusive, do exterior. Essa é uma surpreendente e

bem-vinda experiência que a virtualidade tem nos proporcionado.

Agora que a nossa nova área já está apresentada, resta aproveitar este precioso espaço para convidar os colegas interessados em propor cursos ou outras atividades *on-line* para o público externo para que entrem em contato com a secretaria para enviar a sua proposta. Nossa nova Área de Transmissão da Psicanálise é um forte elo da Brasileira com a comunidade, nutrida pelo entusiasmo dos nossos membros nessa fértil comunicação.

Comissão de Relações com a Comunidade: Caroline Milman (Diretora), Carmen Nogueira, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Jaine Severo, Léia Klochner, Sandra Fagundes e Siana Pessin.

Projeto Psicanálise Solidária

Giuliana Chiapin, Sandra Fagundes e Siana Pessin Cerri

Membros do Instituto da SBPdePA.

A pandemia, decorrente da COVID-19, trouxe uma demanda muito grande em saúde mental e, na nossa Sociedade, causou o reencontro com as clínicas públicas propostas por Freud em 1918. Dessa forma, a SBPdePA lançou o projeto Psicanálise Solidária em abril de 2020.

O projeto rapidamente constituiu uma rede sinérgica que transformou inquietude, incerteza e estranhamento em uma rede pulsante de vida, capaz de produzir cuidado e escuta analítica. Imediatamente, disponibilizaram-se 67 analistas para um modelo de atendimento gratuito que

compunha, na primeira edição, 12 encontros e, na segunda edição, 8 encontros, com duração de 30 a 50 minutos, a serem combinados entre cada dupla analista-paciente.

O projeto possibilitou ampliação do acesso ao atendimento psicanalítico. A gratuidade, a virtualidade e o fato de a oferta ser psicanalítica propiciaram a pessoas que não teriam condições econômicas de buscar um atendimento privado, que não moravam na cidade de Porto Alegre e/ou que já desejavam ter a experiência de uma escuta analítica, que buscassem o

Psicanálise Solidária. No projeto, 231 pessoas buscaram atendimento. A maioria mulheres, entre 20 a 40 anos, mas crianças e adolescentes também participaram. Por ser *on-line*, a rede englobou todo o Brasil e chegaram a ser atendidos pacientes de outros países.

Fortalecendo essa rede solidária, 12 membros da Sociedade se disponibilizaram para



supervisionar os casos atendidos, também de forma gratuita, qualificando ainda mais o serviço oferecido.

A Psicanálise Solidária da Brasileira encerrou-se em novembro, confirmando a importância e a necessidade desses espaços, bem como a preciosidade da escuta analítica diante do sofrimen-

to individual e social como promotora da saúde. Para alguns, o número de sessões oferecidas foi suficiente para a demanda da pandemia; para outros, ocorreu o encaminhamento para o CAP ou outra instituição, assim como foi possível também continuar o atendimento com o seu analista, recontratando o pagamento de

honorários dentro das possibilidades do paciente.

Componentes da Comissão de Relações com a Comunidade: Caroline Milman (Diretora), Carmen Prado Nogueira, Giuliana Chiapin, Helena Surreaux, Janine Severo, Léia Maria Klöchner, Rodrigo Boettcher, Sandra Fagundes e Siana Pessin Cerri.

Diretoria Científica

Christiane Paixão

Membro titular da SBPdePA e Diretora Científica



Queridos colegas,
Quando iniciamos o ano de 2021, o anúncio das vacinas e o afrouxamento das medidas de distanciamento social nos encheram de expectativas de que a pandemia estava chegando ao fim. Infelizmente nos enganamos e, mais uma vez, fomos jogados em uma nova onda da COVID-19, que se revelou ainda mais ameaçadora, deixando um rastro de vidas perdidas, seja por falta de tempo ou falta de recursos para fazer frente ao vírus.

Impôs-se que aceitássemos não haver data para o retorno das atividades presenciais e, mais uma vez, um festival de incertezas nos alcançou.

Apesar disso, o trabalho da Comissão Científica manteve-se firme e investido; apostamos na força de Eros como uma atitude ética diante da vida. Investimos nas Sextas Científicas, nas Rodas de Conversa e no trabalho conjunto com o NIA, com a

Diretoria de Comunidade e com o grupo de Vínculos produzindo atividades científicas reveladoras da vitalidade e criatividade da nossa instituição. Observamos um aumento expressivo da participação de colegas de outras regiões do país e da América Latina em nossas atividades. Um ganho incalculável que o modelo *on-line* proporcionou.

Também iniciamos a organização da Jornada Bi-anual que, este ano, será realizada nos dias 05 e 06 de novembro em formato *on-line*. Será a primeira Jornada Científica nesta modalidade na Brasileira e desejamos que seja um momento caloroso, com debate científico fecundo. Escolhemos como tema: *O nascimento do Eu*.

Propomos visitar e revisar a teoria da formação do Eu. Nosso ponto de partida terá como norte o célebre artigo *Introdução ao Narcisismo* (1914), texto que nos ajudará a pensar em todos os operadores que contribuem para

a constituição de um Eu sujeito psíquico. Nesse debate, entra o papel do objeto, as patologias narcísico-identitárias e as zonas clivadas da vida psíquica.

Como convidada de honra, teremos a satisfação de contar com a excelência do pensamento da psicanalista francesa Anne Brun que vem se dedicando à escuta do arcaico na clínica psicanalítica. Os outros convidados são: René Roussillon (França) e Marion Minerbo (Brasil).

Agradecemos a presença constante e participativa dos colegas da casa nas atividades, bem como contamos com o apoio e incentivo de todos para realizarmos uma produtiva e fértil Jornada Científica!

Grande abraço,

Comissão Científica: Kellen G. Anchieta, Magda Walz, Rafaela Degani e Renata Manica.

Cinco breves razões ou doze linhas para ouvir Anne Brun

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor. Membro titular em função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

1. Entre todos os franceses com quem conviveu e a quem também encantou, o psicanalista uruguaio Victor Guerra elegeu Anne Brun como seu guru (ele dizia gurru) a respeito do assunto dos começos da existência humana.

2. Anne Brun desafiou o mistério desses começos, construindo uma verdadeira "metapsicologia do arcaico" a partir dos conceitos de René Roussillon, seu mestre e colega na Universidade de Lyon.

3. Com uma formação inicial em Letras Clássicas, Anne Brun nos oferece um texto reconhecido como, esteticamente, de alto nível. Debruça-se sobre escritores célebres, numa escrita que não deve nada à escrita deles.

4. Em seus livros individuais, ainda na temática dos começos, ela se lança em análises implicadas de poetas como Antonin Artaud e cineastas como Pedro Almodóvar.

5. Como uma verdadeira Nise da Silveira contemporânea francesa, Anne apresenta um trabalho de longo estofado sobre a utilização de mediadores no tratamento bem-sucedido de pacientes psicóticos.

Anne Brun
(Lyon-França), convidada
para a Jornada da Brasileira **O
nascimento do Eu** – dias 05 e 06
de novembro.

Diretoria de Divulgação

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

Membro associado da SBPdePA e Diretora de Divulgação

A Diretoria de Divulgação inicia 2021 com uma grande conquista: o nosso novo logotipo! Este processo contou com a participação de grande parte dos colegas e com o profissionalismo da agência Monvie, por meio da publicitária Vanessa Viegas. Foram, também, redefinidos os parâmetros de publicações das redes sociais com o propósito de incrementar esses conteúdos.

Nosso próximo projeto será a remodelação do nosso *site* para

que fique mais adequado aos novos tempos e às demandas atuais da Brasileira. Nossa sociedade está em franca expansão, o que exige uma atualização e modernização das suas inserções tecnológicas e de divulgação.

Será um trabalho complexo e pretendemos que todos possam participar, pois nosso desejo é que todas as áreas, núcleos e departamentos da SBPdePA sejam contemplados e representados adequadamente.

Por considerarmos fundamentais o conhecimento e o registro das nossas origens, planejamos, para o início de 2021, a realização de um vídeo com a participação dos nossos fundadores. Porém, com o agravamento da pandemia, esse projeto teve de ser adiado. Assim que possível, será retomado.

No mês de dezembro de 2020, encerramos o projeto Inspirações à Brasileira. Percebemos que este projeto não apenas nos inspirou,



mas funcionou como espaço de continência e metabolização dos nossos afetos nos duros tempos de início de pandemia e confinamento. Dessa finalização, resultou um vídeo que está disponível nas nossas redes e no nosso *site*, assista!

Encerramos, assim, o primeiro ano da existência da diretoria e comissão de divulgação. Quando iniciamos, em dezembro de 2019, jamais poderíamos imaginar o turbilhão de demandas que sur-

giram em função da pandemia que assolou o mundo e trouxe gigantescas repercussões, dentre outras, nas formas de divulgação e de comunicação com os colegas e com o público em geral.

Contrariamente às expectativas de que haveria uma melhora, 2021 trouxe nova onda da pandemia de COVID-19. Apesar disso, mantemos a motivação para seguirmos contribuindo com a nossa querida SBPdePA e sintonizadas com a enorme

demanda de atividades científicas e culturais organizadas pelas nossas diretorias.

Continuamos unidos e firmes para o fortalecimento da nossa instituição.

Comissão de Divulgação:

Aline Santos e Silva, Fabiana Britto Grass, Gabriela Seben, Juliana Lang Lima e Nora Helena Steffen.

CAP – Centro de Atendimento Psicanalítico da Brasileira

Astrid Müller Ribeiro

Diretora do CAP

Iniciamos o ano de 2021 apresentando o novo cartaz de divulgação do nosso atendimento psicanalítico com o tema Esperança. Escolhemos este tema conectados com nosso momento, que exige resiliência e a capacidade de mantermos a esperança diante de tantos desafios desta pandemia. Escolhemos uma obra do pintor Gustav Klimt, com o mesmo título, retratando uma grávida, o que nos parece tão bem representar esse sentimento. Assim como escolhemos as palavras de Paulo Freire, quando este propõe o termo *esperançar* em vez de apenas usar o termo *esperança*, que seria, para ele, mais passivo conforme a raiz da palavra originária do verbo *esperar*.

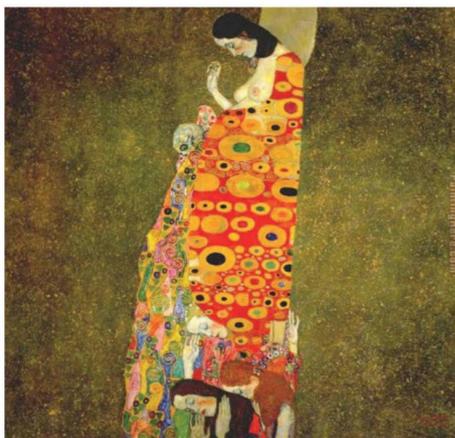
Para a programação das atividades do CAP deste primeiro semestre, pensamos em seguir desenvolvendo e firmando o espaço de estudos sobre a clínica

em nossa instituição, criando uma atividade mensal com temas da nossa prática clínica, visando integrar sempre com a teoria psicanalítica.

Acreditamos que o exercício da psicanálise na atualidade requer do analista articular sua relação com seu trabalho, seu discurso e sua inserção tanto com



ATENDIMENTO PSICANALÍTICO



Autor: Gustav Klimt

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar* (...)
Esperança é se levantar, esperança é ir atrás, esperança é construir, esperança é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo.

Paulo Freire



SBPdePA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Centro de Atendimento Psicanalítico para a População Geral

Agendamento pelo Fone: 51 99237-5510

Atendimento on-line e/ou presencial

seus pacientes como na cultura atual. Assim, buscamos, por meio do pensamento contemporâneo de nossos fundadores com outros colegas autores expressivos da Brasileira, aprofundar e pensar sobre a nossa prática clínica revisando conceitos que sustentam sua base.

Programamos, então, quatro encontros, sempre na última quarta-feira de cada mês, em

forma de mesas-redondas. Na última quarta-feira de junho, teremos como convidado especial o Dr. Luis Claudio Figueiredo, de São Paulo, expoente psicanalista e autor de vários livros sobre a temática da relação analítica.

Nessa última atividade, teremos o apoio e a participação da AMI e será aberta à comunidade psicanalítica, sendo cobrada inscrição para os não membros da Brasileira.

Em agosto, contamos com a colega Dra. Denise Zimpek coordenando um grupo teórico-clínico sobre análise de casais, para o qual já estão abertas as inscrições.

Esperamos vocês!

Um abraço,

Comissão do CAP: Ian Nathasje e Siana Pessin Cerri.

Notícias do Instituto

Silvia Brandão Skowronsky

Psicanalista. Diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA. Membro titular com função didática plena.



A Psicanálise sustenta a perspectiva do possível trabalho para saber de si próprio e do valor do conhecimento sobre si mesmo na tarefa humana mais difícil, que significa o dilema de ser e pensar livremente. O objeto da Psicanálise interroga sobre a formulação humana, enquanto expressão da própria experiência no campo do inconsciente e da sexualidade, autêntico fio condutor da singularidade, razões por que a Psicanálise nasceu com a descoberta do inconsciente e com a morte da sugestão. Assim, convoca a posição de interrogar a singularidade. A generalização é impossível, tamanha a variedade de alternativas. O desafio significa interrogar e entender essa trama complexa que tece as pessoas em todas as suas diferenças!

Atualmente com oitenta e uma sociedades, em cinquenta países, com treze mil membros no mundo, fundada em 1910 por Freud, a IPA, Associação Psicanalítica Internacional, compõe-se dos

membros das sociedades filiadas, com acesso por meio da formação em seus Institutos de Psicanálise.

O Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre é o lugar da instituição que recebe os futuros membros psicanalistas. Um trabalho de filiação e de diferença na invenção de caminhos para ser psicanalista. É um fórum peculiar, pois singular, no percurso de formação do psicanalista. Uma zona de construção com um modelo de formação inspirado na valorização da liberdade e autonomia, um percurso de autoria em que formação significa uma especial forma de ação, autoria de uma práxis conceitual teórico-clínica.

O modelo do percurso de formação do psicanalista possui requisitos inspirados num tripé no qual os eixos análise pessoal, supervisão e seminários inspiram a ideia de conhecer a fundação conceitual da Psicanálise com o estudo da obra de Freud e de

autores que ampliaram o saber que Freud inaugurou.

O saber sempre é uma construção para o qual a autonomia e independência são fundamentais. Singular construção que possibilita escolher, definir direções e caminhos; uma liberdade, uma conquista como uma posse pessoal, intransferível marca de identidade, como uma cidadania. É um importante e valioso atributo para ser incluído ao já clássico tripé da formação.

A liberdade é intransmissível, requer uma elaboração pessoal e singular, como também a sabedoria. É importante a curiosidade e o interesse no diverso e no diferente, enquanto fidelidade à família teórica. É a difícil arte de criar-se em fortes raízes e desenvolver asas de liberdade.

Todos nós temos mestres inesquecíveis que nos transmitiram saber e amor pela Psicanálise. Saber e não saber, conhecer e ignorar jogam um papel importante no cumprimento do destino da

origem para viver entre o passado e o futuro sem ferir a autonomia.

A experiência de aprendiz inclui a contradição entre contentar ou contestar, e apenas uma letra faz a diferença entre obedecer e pensar.

A especial dialética entre autonomia e sujeição cria efeitos na independência para pensar, condição imprescindível para a práxis do psicanalista.

Para afirmar a Psicanálise, uma discussão fecunda incluirá as diferenças, mas numa compatibilidade com as ideias originais de Freud, afinal o fundador da Psicanálise.

Dialogar significa expressar a própria opinião e conhecer outras, em que cada volta não passa no mesmo lugar, inspirando a dialética de um pensar aberto. Assim, a tese encontra a antítese e novas sínteses; assim novas teses e antíteses, novas sínteses; uma espiral dialética, simbolizando a direção infinita para sínteses provisórias, abrindo dialeticamente novas sínteses e assim por diante. Campo de pensar e se articular com complexidades.

A ideia de modelo, enquanto articulador de complexidades e abertura da garantia de autoria, situa a perspectiva que norteia a proposta de pensar com autonomia e liberdade. A Psicanálise, hoje, implica a dimensão da diversidade de modelos. Tudo uma questão de amor, de escolhas e, é claro, de tramas.

Ser Psicanalista envolve a construção de saber pensar com autonomia, um modo de reflexão indispensável diante das incertezas da indagação. Em resumo, uma autêntica relação de amor com a Psicanálise cria essa construção singular de uma verdadeira trama. Essa trama dos conceitos, que ilumina e obscurece o enigma de cada psicanalista, nasce de uma condição especial e obrigatória: de escolhas, nunca de uma escola. Verdadeira trama partilhável na

construção conceitual inspirada no fundador Freud e nos autores que contribuíram desde então. Para tanto, é preciso também a descoberta, ao construir o voo da própria sabedoria, de que ter opiniões é diverso da posse de certeza. Abre-se uma especial dialética no interjogo entre a repetição e o inédito, suave equilíbrio da estética, na felicidade de criar enlaces e desenlaces.

O saber é uma construção constante; essa sabedoria é o legado de Freud com a Psicanálise. Um especial modo de utilizar a teoria, o conhecimento de si próprio, das emoções, enfim, do tempo e da importância de se tomar posse da própria história.

A Psicanálise descobriu que cada narrativa relata e conta a versão particular daquele sujeito psíquico, um sujeito do inconsciente.

Freud, quando inaugura a noção de um sujeito psíquico como sujeito do inconsciente, designa o valor da subjetividade e o objeto da Psicanálise. Enfrenta a força do inconsciente, da sexualidade e do traumático. Valoriza os efeitos experienciados nos acontecimentos históricos, biográficos, traumáticos, acidentais e vivenciais. Afirmou o inconsciente em seus modos de expressão.

Considerou as verdades ilógicas nas especiais linguagens dos sonhos, dos atos falhos, do humor e do sofrimento com as dores dos sintomas. Escutou a linguagem das suas tramas, as suas falas e modos de explicitar e, assim, encontrou sentido na ilógica lógica do inconsciente.

Apostou no aparente sem sentido do ilógico enquanto dimensão da singularidade de uma história individual, e assim propôs uma nova noção de verdade, a vivencial. Pois mesmo enquanto desconhecemos as razões mais profundas, todos os

ossos atos são plenos de sentido. São tecidos numa trama subjetiva para a qual não existe remédio – só a palavra.

Freud, ao afirmar a ideia de psiquismo, o valor da sexualidade e do inconsciente, abriu uma perspectiva inédita: reuniu a palavra com a cura.

Há mais de cem anos, a Psicanálise se propõe a recuperar palavras esvaziadas, sem sentido, ou a entender as ideias desligadas dos fatos, o ilógico. Para tanto, a função analítica valoriza interrogar o conhecimento, o saber, o pensar, a memória e a história. Também valoriza o tempo, o esquecimento que se pode lembrar, como tudo aquilo indizível, o nunca pensado e o impensável.

O viver humano, com suas vicissitudes inquietantes, cujo atributo principal se resume numa infinita diversidade, será o principal tema que desafiará nosso método de trabalho.

O método é invariável, a técnica que muda, se transforma ou se amplia, mas o método é o histórico conceitual de fundação da Psicanálise.

O campo clínico faz a práxis da Psicanálise cuja perspectiva não corresponde a uma visão de mundo, nem define a norma do normal. Impossível generalizar, pois sabemos que inexiste uma teoria abarcativa de toda complexidade humana.

Um desafio às certezas e um convite à utilização de um modelo com abertura para interrogação teórico-clínica no exercício da Psicanálise. Necessária perspectiva para pensar com um modelo conceitual que interroga o singular, nunca um genérico. Para tanto, como ensina Laplanche, um modelo de "teorização flutuante".

A Psicanálise não explica: pergunta, indaga para romper caminhos e encontrar novas formas de alcançar as invenções

(inconscientes) ilógicas plenas de sentido. Procura o entendimento, a análise. Com seu modo particular de tocar o atemporal, abre uma dimensão para a experiência subjetiva fazer o tempo criar temporalidade e, assim, uma história própria, pensável. Indaga para dizer e nomear aquilo "velho e antigo", como num despir e

vestir desejos com o sentido novo do saber (re)nomeado.

Todos nós temos mil maneiras de nos contar! O que demanda e supõe escutar, interrogar, analisar e pensar para construir elaborações. O extraordinário e o ordinário compõem o viver! Entretanto, o sofrimento demanda solução. Repetir, repetir até transformar!

Instituto da SBPdePA: Lísia Leite (secretária), Patricia Goldfeld (coordenadora da Comissão de Seminários), Laura Ward da Rosa (coordenadora da Comissão de Formação) e César Antunes (coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência).

Notícias do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)

Aline Pinto da Silva

Membro Associado e Coordenadora do NIA.



É com muito orgulho e empolgação que iniciamos nosso ano de atividades. No final do ano passado, elaboramos um projeto que foi apresentado à Comissão de Prática Analítica e Atividades Científicas (CAPSA) da IPA solicitando a verba necessária para sua realização. Ficamos muito honradas com a aprovação. Esse projeto reflete a continuidade do foco de interesse que vem permeando nossos estudos: a diversidade cultural e suas repercussões na clínica psicanalítica.

Devereux, fundador da Etnopsicanálise, em 1968, apresentou uma conferência na qual tentava demonstrar o impacto cultural e suas representações na clínica. Especificamente, enfatizava a influência sobre a concepção cultural e

psicológica que as sociedades têm sobre as crianças. Sabemos que os elementos culturais e sociais participam da construção da função parental, misturam-se e se unem aos elementos individuais e familiares de maneira profunda e precoce.

Cada cultura representa o bebê, a criança e o adolescente à sua maneira e desenvolve suas práticas de cuidados, interações e acolhimento. A cultura é uma matriz simbólica que está ligada às condições históricas. O acento está posto em como cada um incorpora o que já existe, outorgando-lhe novos significados. O acervo cultural em que cada criança nasce será herdado e, em seu devido tempo, descoberto, co-criado na medida que o espaço transicional possibilita seu ingres-

so, transformando-se, assim, em seu e pessoal.

É fundamental pensar o sujeito na cultura, nos caminhos trilhados entre o coletivo e o psiquismo individual e como isso atravessa os processos de subjetivação. Tendo isso presente, elaboramos nosso projeto: A clínica psicanalítica de bebês, crianças e adolescentes mundo afora. Teremos duas convidadas muito especiais: Florence Guignard, da Europa, que abordará *O infantil na adolescência*, e Christine Anzieu-Premmereur, da América do Norte, que compartilhará sua experiência no atendimento de bebês e suas famílias. Ambas as palestrantes contarão as peculiaridades da clínica em suas regiões, além dos próprios aportes teóricos.

O nosso Café com o NIA segue sendo pensado com muito afeto e, neste ano, contamos com a participação da nossa querida colega Ângela Piva na atividade inaugural, falando sobre *Vincularidade – Teoria e Clínica*. Foi um excelente momento de aprendizado e troca.

No próximo Café com o NIA,

teremos a convidada Julia Cardoni, socióloga, mestra em Antropologia Social, que vive há 5 anos em Moçambique e falará sobre *Bebês, vínculos e cuidados: um olhar desde Moçambique*. A finalidade é que ela possa nos contar um pouco dessa cultura, seus hábitos, costumes, tradições, mitos, vínculos, sistemas de cuidados com os

bebês, além do lugar do bebê, da maternidade, da paternidade e da parentalidade.

Um grande abraço a todos e seguimos juntos.

Equipe NIA: Adriana Ampezan, Aline Santos e Silva, Heloisa Zimmermann, Kellen Gurgel Anchieta e Marlise Albuquerque.

Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade

O Grupo de Estudos sobre Colonialismo, Racismo e Desigualdade, desde setembro de 2020, vem aprofundando o estudo proposto e promovendo a discussão desses temas em nossa sociedade.

Após a inauguração, em setembro de 2020, evento que recebeu Wania Cidade (SBPRJ e FEBRASI) e contou com grande participação dos membros de nossa sociedade, abrimos nossos trabalhos com o clássico *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza. No mês de outubro, tivemos a participação, como convidados, Ignácio Paim (SBPdePA) e Maria de Lourdes Teodoro (SPBsb). Seguimos nosso estudo com o livro *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*, contando com a presença de Miriam Alves (UFPEL, UFRGS, E'LEÉKO), organizadora e autora, em nossa reunião aberta do mês de novembro. Ainda no mesmo encontro, iniciamos a

discussão sobre a prática clínica inter-racial. Em sequência, contamos com as contribuições de Aimé Césaire por meio do livro *Discurso sobre o colonialismo*, e de Grada Kilomba com *Memórias da plantação*. A partir de março de 2021, o estudo será dedicado à obra de Frantz Fanon.

Além da leitura técnica e científica, em nosso grupo, surgiu o espaço para trocas de indicações de eventos ligados ao tema, bem como comentários e sugestões da literatura. Enriquecemos nossas discussões com vários autores, entre eles: Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Paulo Scott, Françoise Vergès, Toni Morrison, Luiz Antonio Simas e Ana Maria Gonçalves.

Para o primeiro semestre, temos programadas as apresentações de dois trabalhos por suas respectivas autoras, *A Intensidade*

do branco no espectro cromático, de Maria de Lourdes Teodoro, e *Entre nós*, de Joyce Goldstein e Wania Cidade.

No segundo semestre de 2021, em 17 e 18 de setembro, para celebrar um ano de estudos, teremos duas mesas-redondas contando com convidados especiais: os colegas especializados no tema que nos visitaram durante nosso primeiro ano de estudos.

Grupo de Estudos Colonialismo, Racismo e Desigualdade: Aline Santos, Augusta Gerchmann, Cristiane Schindwein, Fernando Kunzler, Gabriela Seben, Ian Nathasje, Juliana Lang, Luciana Zamboni, Marcela Pohlmann, Marcelo Pinheiro, Rafaela Degani, Thércio Brasil, Sandra Fagundes, Janine Severo e Leonardo Francischelli.



Projeto- piloto UBUNTU

Lisiane Milman Cervo

Membro titular da SBPdePA.

Coordenação Geral:
Ane Marlise Port Rodrigues

Comissão do Projeto-Piloto:
Astrid E. Müller Ribeiro
Beatriz Saldini Behs
Cesar Augusto Antunes
Ignácio Alves Paim Filho
Lisiane Milman Cervo
Vera Elisabete Hartmann

Coordenação da Comissão:
Eliane Grass Ferreira Nogueira



SBPdePA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre



O dia 18 de julho de 2020 foi uma espécie de marco inaugural em nossa Sociedade para a discussão, entre seus membros, sobre a questão do racismo. Nessa primeira atividade intitulada *Racismo, o demoníaco que nos habita*, o depoimento contundente de Ignácio Alves Paim, único negro da SBPdePA, emocionou os participantes. Esse encontro, sob a coordenação de Christiane Paixão, também contou com a contribuição da colega Rafaela Degani, que trouxe o frescor e o vigor do posicionamento de colegas de sua geração. Foi uma manhã de trocas férteis cujos estopins dão início a uma empreitada institucional alinhada ao movimento que, no mundo todo, vem se fortalecendo com importantes repercussões sociais e políticas.

Na reunião seguinte, convocada pela presidente Ane Marlise Port Rodrigues em 11 de agosto de 2020, nossa Sociedade – com a postura humana que a caracteriza e sensibilizada com a fala cirúrgica de Ignácio – iniciou um debate sobre o que poderia ser feito para oportunizar o acesso e a acolhida de colegas negros na formação em nosso Instituto. Um

grupo, Força Tarefa, constituído por membros voluntários da Sociedade, foi desafiado a formular uma proposta com sugestões e alternativas que dessem conta dessa questão.

Em encontros sistemáticos, desde 11 de agosto, esse grupo debateu várias possíveis etapas a serem seguidas tendo em vista a abertura de canais para a participação de colegas negros(as) no processo de formação psicanalítica. Buscou também inspiração e embasamento junto aos professores do Curso de Psicologia da UFRGS, José Geraldo Soares Damico e Rita Sobreira Lopes, que transmitiram sua experiência na implantação e suporte às cotas raciais na Universidade. Nesses encontros, um dos aspectos constatado como relevante foi a questão do letramento em nossa instituição, ficando evidente a importância do estudo das relações étnico-raciais, a difusão da nomenclatura e do percurso histórico associados a essa temática visando uma abertura para a conscientização do nosso racismo estrutural.

O grupo da Força Tarefa também contou com o importante engajamento e articulação

em nossa Sociedade do Grupo de Estudos *Colonialismo, Racismo e Desigualdade* organizado pelos colegas Leonardo Francischelli, Sandra Fagundes e Janine Severo.

Com tais alicerces, foi sendo alinhavado o *Projeto de acessibilidade de negras e negros à Formação Analítica do Instituto de Psicanálise de Porto Alegre*, alcunhado carinhosamente como Projeto-piloto UBUNTU. Esse projeto-piloto, que se fundamenta na revisão de contribuições teóricas realizadas por pesquisadores e psicanalistas dedicados ao tema do racismo, sugere estratégias de ações a serem implementadas. Uma cópia foi enviada aos sócios para conhecimento e posterior ampla discussão na Reunião Geral de 30 de março de 2021, buscando definir seus futuros encaminhamentos.

Comissão do Projeto-piloto: Astrid E. Müller Ribeiro, Beatriz Saldini Behs, Cesar Augusto Antunes, Ignácio Alves Paim Filho, Lisiane Milman Cervo e Vera Elisabete Hartmann. Coordenação: Eliane Grass Ferreira Nogueira.

Notícias do Núcleo de Vínculos

Rosa Aizemberg Avritchir

Membro associado da SBPdePA e Coordenadora do Núcleo de Vínculos



Neste ano, o Núcleo de Vínculos resolveu estudar a sexualidade dos casais de forma mais profunda. Iremos ler diversos autores. Começamos com o livro da Dra. Sonia Thorstensen cujo título é *A indisponibilidade sexual da mulher como queixa conjugal*.

Paralelamente, mantemos os nossos encontros com o Julio Moreno que gentilmente disponibilizou o seu novo livro para estudarmos junto. O título do livro é *Elogio a cierta Ignorancia: El psicoanálisis en clave vincular*.

Os nossos encontros também têm sido muito importantes para

troca de vivências e de apoio neste momento tão incerto.

Grupo de Vínculos: Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Astrid Ribeiro, Cynara Kopittke, Denise Zimpek, Heloísa Zimmermann, Patricia Goldfeld, Paulo Picarelli e Vera Mello.

Jornada da Brasileira

É com alegria que a comissão organizadora da Jornada **O nascimento do Eu** está cuidando dos preparativos para termos dois dias muito produtivos e com um profícuo debate científico.

Aguardamos vocês!

Comissão Organizadora:

Christiane Paixão
Camila Reinert
Cibele Fleck
Kellen G Anchieta
Magda B. Walz
Rafaela Degani
Renata Manica
Thercio Brasil
Vera H.P Mello



Onde estará o infantil?

Sou adulto ou sou criança ?

Adolescente também ?

Me disseram que cresci,

Mas não me convenço bem!

Tem horas que quero brincar,

Em outras, só fantasiar...

Mas na maior parte do tempo, me exigem trabalhar.

Que resultado terá, se juntar esses três tempos?

Um pouco da criança pra alegrar,

Do jovem pra questionar e se rebelar,

E que o mundo quer mudar,

Mas nada que isto impeça

Que um adulto bem sério e crescido possa

Tirar uns minutinhos pra pensar, dormir,
sonhar e criar!